



**UnB**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAL**

ISIS AISHA DIAS AIRES PRADO

**EM MOVIMENTO:** teaser e pré-produção de um documentário sobre  
nômades digitais e viajantes

Brasília, DF

2021

**Isis Aisha Dias Aires Prado**

**EM MOVIMENTO:** teaser e pré-produção de um documentário

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Audiovisual, na Faculdade de Comunicação, da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Fonteles

Brasília, DF

2021

## **AGRADECIMENTOS**

Para tornar possível a realização desse trabalho tive que me movimentar, e nesse movimento, várias pessoas passaram pelo caminho, e a elas expressei meu enorme carinho e uma profunda gratidão. De modo especial, à mulher que decidiu por mim que seria necessário se mover em busca de uma vida melhor na capital, minha mãe. Obrigada por estar ao meu lado mesmo quando estou a muitos quilômetros de distância.

Não é possível citar todos os nomes dos que me ajudaram nessa jornada de elaboração do meu trabalho final, mas gostaria de agradecer ao professor Maurício Fonteles, por ser uma inspiração para mim e me acompanhar nessa trajetória e à Micaela Duarte por me ceder sua casa em Montevideu, nos momentos finais de escrita desse trabalho, a quem não tenho palavras para agradecer tamanho presente.

## RESUMO

O seguinte projeto descreve a pré-produção do documentário *Em Movimento*. O início ocorre com a elaboração de seu roteiro, seguido do planejamento para a realização do média-metragem e sua concretização se dá na forma de um *teaser* para o filme. O futuro documentário irá retratar minhas viagens para encontrar e descobrir quem são as pessoas que se dispõem a viver viajando, como elas vivem, e o porquê de decidiram se manter em movimento.

**Palavras-chave:** #nômades digitais. #viajantes. #viagens. #documentário. #movimento.

## **ABSTRACT**

The following project describes the pre-production of the documentary Em Movimento. Starting in the elaboration of your script, going through the planning for the realization of the medium-length film and becoming a teaser for the film. The future documentary will portray my travels to find and discover who are the people who are willing to live traveling, how they live, and why they decided to keep moving.

**Keywords:** #digital nomads. #travelers. #travels. # documentary. #movement.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>2 PROBLEMA DE PESQUISA</b> .....	8
<b>3 JUSTIFICATIVA</b> .....	9
<b>4 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	10
4.1. VIAJANTES E NÔMADES DIGITAIS .....	10
4.2 CORONAVÍRUS E SEUS EFEITOS NA VIDA DOS NÔMADES DIGITAIS .....	14
4.3 A LINGUAGEM DO DOCUMENTÁRIO.....	16
4.4 ANÁLISE DE FÍLMICA .....	17
<b>5 METODOLOGIA</b> .....	22
5.1 PROPOSTA DE DIREÇÃO .....	22
5.2 ROTEIRO E TRATAMENTO .....	23
5.3 PERSONAGENS.....	31
5.4 PRÉ-ENTREVISTAS .....	32
5.4.1 Leandro Mariani .....	33
5.4.2 Lita Storm .....	36
5.4.3 No Caminho do Bem .....	39
5.4.4 Hanna Guimarães .....	43
5.4.5 Vida Mochileira .....	47
5.5 CRONOGRAMA.....	50
5.6 EQUIPE.....	52
5.7 ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO.....	53
5.8 TEASER.....	55
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	59
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	60
<b>FILMOGRAFIA</b> .....	61

## 1 INTRODUÇÃO

Hoje grande parte dos brasileiros vivem em um lugar fixo, sendo que alguns têm a oportunidade de viajar de uma a duas vezes por ano dentro do território nacional, ou ainda uma parcela menor desse grupo, têm a oportunidade de fazer viagens internacionais. Viajar muitas vezes é privilégio social, logo, viver viajando, para muitos brasileiros parece um sonho inalcançável. Porém, cada vez mais aparecem histórias dos que “largaram” tudo e passaram a viver viajando.

Essas pessoas são guiadas por um desejo latente de se movimentar e conhecer o mundo tal qual por muitas vezes coincide com o que senti no decorrer da minha vida. Diante disso, pretendo entender de onde esse desejo surgiu em mim e em quais pontos ele coincide com o de outros viajantes, sendo que essa busca será explorada no documentário Em Movimento.

Primeiramente, antes do início dessa investigação, é válido ressaltar que reconheço que esse é um grupo plural, com muitas diversidades, mas que será objeto de estudo, haja vista a minha necessidade de conhecê-lo mais a fundo. Essas pessoas são mochileiros, artistas de rua, donos(as) de motorhomes, motociclistas, vendedores ambulantes ou ainda, o grupo que se autodenomina como nômades digitais. Esse grupo abarca uma nova geração que executa trabalhos a distância, ao mesmo tempo em que se permite ter uma mobilidade.

Estar em movimento parece então ser a máxima que une essa pluralidade de pessoas que podem caracterizar perfis de viagens tão variados, podendo ser ricos ou pobres, homens ou mulheres, idosos ou crianças, pessoas solitárias ou famílias inteiras que viajam juntas. Diante dessa pluralidade de pessoas em movimento, surge o questionamento se é mesmo tão novo assim esse desejo de explorar e estar em movimento, já que nos primórdios dos tempos já fomos nômades, o mover-se já foi o natural para o homo sapiens, seja por necessidade de alimentos ou por um instinto.

Descobrir quais são minhas motivações e compreender minha trajetória pessoal, nesse contexto, poderá proporcionar-me um entendimento melhor sobre esse grupo social que ainda não é muito explorado no audiovisual brasileiro e então, a partir desse conhecimento será criado um documentário que acompanhará minhas viagens e das pessoas que cruzarem meu caminho durante essa caminhada.

Nesse processo torna-se importante entender quem são essas pessoas e quais são suas motivações. Elas realmente “largaram” tudo? Como é essa maneira

paralela de se seguir a vida? Para responder a essas perguntas faz-se necessário abordar os questionamentos sociais sobre exploração do trabalho, desigualdades sociais, tempo e consumismo.

Viver viajando se difere, e muitas vezes se distancia muito do turismo tradicional onde o tempo, ou a falta dele, entra como o maior diferencial entre um viajante e um turista tradicional. Não ter como conhecer os lugares com calma muitas vezes desenvolve uma relação meramente comercial entre quem viaja e o local visitado. Passar por exemplo, em todos os pontos turísticos apenas para marcar como feito em uma lista de lugares que se deve visitar sem se relacionar com a cultura local poderia ser considerada uma relação de consumo. Em alguns casos a alta quantidade de pessoas em um mesmo período em uma praia, montanha ou outro recinto natural gera uma depredação por conta do lixo gerado, barulho ou outras interferências humanas. Algumas trocas com os moradores e com a cultura local só é possível quando se tem tempo e calma.

No momento de execução desse projeto o mundo vivencia a pandemia do Coronavírus, o que traz algumas barreiras em relação a viagens, captação de imagens ou relações interpessoais no modo presencial, só sendo possível de maneira virtual. É um momento difícil para aqueles que vivem de maneira nômade e essa realidade também me atingiu já que no início da pandemia no Brasil e na América Latina eu estava em Montevideo, Uruguai, e assim como muitos brasileiros me vi em uma situação onde teria que escolher entre passar o período indeterminado de isolamento no país que estava ou voltar ao Brasil. No meu caso, decidi voltar para Brasília em março de 2020 onde fiquei por um ano até retornar para Montevideo em abril de 2021.

No dia 17 de janeiro de 2021, Mônica Calazans foi a primeira brasileira a ser vacinada após a aprovação da vacina Coronovac pela Anvisa para uso emergencial, de acordo com a CNN Brasil. Esse cenário nos traz novas perspectivas positivas para o nosso futuro e embora ainda não seja possível de fato gravar o documentário, pode-se utilizar esse momento para refletir sobre sua concepção e criação de métodos para torná-lo viável.

Anterior à concretização desse documentário, nesse projeto será desenvolvida toda a estrutura necessária para a execução do filme, ou seja: a pesquisa, roteiro, pré-produção, início da captação de recursos e produção de um *teaser*. Para tanto é necessário um estudo sobre o fazer documental, suas



possibilidades linguísticas e uma investigação sobre a temática de viajantes e nômades digitais.

## 2 PROBLEMA DE PESQUISA

O questionamento sobre o que leva algumas pessoas a se colocarem em constante movimento, bem como o meu interesse em descobrir se eu também gostaria de ter esse estilo de vida surgiu quando comecei a viajar e conhecer pessoas que adotavam a viagem como um estilo de vida. Essa motivação inicial me levou a procurar na internet pessoas que estavam sempre viajando e produzindo conteúdos acerca dessa temática e sobre os lugares pelos quais passavam, de modo que o assunto se tornou recorrente em minha vida. Esse desejo então, me levou a idealizar a construção de um produto audiovisual que se aproximasse das respostas para esses questionamentos.

Esse grupo social já tem hoje ampla expressão nas redes sociais, blogs e canais de Youtube e já existem também diversos produtos audiovisuais que exploram a temática onde cada vídeo demonstra um pequeno recorte de uma viagem ou orientações sobre como adotar a vida nômade. Para Nichols (2016, p. 20) “o surgimento dessas novas formas digitais geralmente representa algo parecido com um processo de fertilização cruzada com a tradição do documentário”.

Nessa temática também foram produzidos documentários sobre nômades digitais como o *One way ticket: The Digital Nomad Documentary* (2017) da Coreana Youjin Doo e *E-Nômades* (2017) do Gaúcho Lucas Rangel Pinto e na ficção, a temática de viagens também é algo recorrente, tanto para demonstrar histórias de pessoas reais que entraram em alguma jornada, quanto para contar histórias lúdicas.

Apesar dessas representações no âmbito do audiovisual, essa temática ainda não é de amplo conhecimento para os brasileiros, haja vista não haver tantas representações no documentário brasileiro, considerando o crescente número de pessoas que adotam esse estilo de vida. Logo, o documentário *Em movimento* poderá contribuir para esse acervo fílmico nacional.

Contudo, vale informar que esse projeto trata da concepção do documentário e das etapas que antecedem a gravação, pois diante da questão de saúde pública vivida no mundo por conta do COVID-19, a produção do documentário não será viável nesse momento histórico. Esse projeto se propõe a responder como planejar um

documentário a partir da perspectiva de uma viajante, e executar etapas anteriores à gravação do documentário como a pesquisa, roteiro e a produção de um *teaser*.

### 3 JUSTIFICATIVA

A ideia desse filme nasce de uma inquietação pessoal e de uma curiosidade em compreender um pouco melhor o mundo, pois como disse Hampe (1997a, p.1), “a ideia do documentário pode começar com nada mais do que um vago impulso em alguma direção” e nesse caso, o impulso me levou a querer concretizar essa proposta.

Essa temática ainda é pouco explorada no documentário brasileiro, não existindo ainda uma alta quantidade desses produtos, portanto, essa pesquisa e a futura produção desse filme irão compor o cenário documental e ampliarão o acervo audiovisual brasileiro, contemplando novas temáticas e grupos sociais.

O estudo sobre como fazer um documentário, planejar e organizar a pré-produção, como financiar e roteirizar esse produto audiovisual poderá servir de subsídio para futuros documentaristas interessados em acompanhar esse processo, utilizando as informações aqui apresentadas e a organização das referências que serviram de embasamento para esse estudo que envolve o documentário produzido a partir da perspectiva de uma viajante, produtora independente, no período de uma pandemia.

A partir do recorte dos nômades digitais e viajantes pode-se analisar não só as peculiaridades da vida dessas pessoas como também, sentimentos e experiências humanas. Não é sempre um mar de rosas e não são apenas fotos de Instagram, existem também dificuldades, medos, instabilidades, inseguranças, sentimentos que perpassam a essência humana independente de seu estilo de vida.

Um viajante, muitas vezes, ao se colocar sempre em movimento, potencializa e acelera a vivência de diferentes experiências e culturas, sendo possível se aproximar pelo menos um pouco de diversos mundos e questionar esses pontos sociais traz à tona não apenas uma questão pessoal, como também questões sociais abrangentes.

## 4 REFERENCIAL TEÓRICO

### 4.1. VIAJANTES E NÔMADES DIGITAIS

Da mesma forma que é necessário dominar a linguagem cinematográfica e as técnicas audiovisuais, também é importante a pesquisa sobre a própria temática que será retratada no filme, bem como a demonstração, para quem assiste, do processo de descoberta e pesquisa dentro do tempo determinado do filme.

Conversar com o mundo, portanto, ao mesmo tempo que potencializa a presença do outro dentro do filme, coloca em xeque a capacidade do cineasta de dominar seu tema, trata-se de um questionamento de poderes e de saberes, ao fim do qual ganha-se somente uma cena de cinema como outra qualquer (MATTOS, 2016, p. 23).

Estar em movimento se tornou uma máxima não só para os nômades e viajantes, mas provavelmente também para a maioria das pessoas da nossa atual geração. Para Bauman (1999, p. 86) “pelo menos espiritualmente, somos todos viajantes”. Se não estamos viajando fisicamente, estamos interligados pela internet ou pela televisão.

Estima-se que em 2019 ao redor do mundo houve cerca de 1,1 bilhão de turistas internacionais durante os primeiros 9 meses do ano, o que significa um aumento de 43 milhões comparado ao mesmo período de 2018 (UNWTO, 2019, tradução nossa).

No mundo que habitamos, a distância não parece importar muito. Às vezes parece que só existe para ser anulada, como se o espaço não passasse de um convite contínuo a ser desrespeitado, refutado, negado. O espaço deixou de ser um obstáculo - basta uma fração de segundo para conquistá-lo (BAUMAN, 1999, p.85).

O mover-se não é novo na história da humanidade, pois o homo sapiens já vivia em movimento na busca por alimentos, por terrenos férteis e por situações de vida cada vez melhores. “O termo nômade digital resgata a ideia das tribos nômades que ainda coexistem em muitas partes do globo. Em ambos os casos a mobilidade remete à busca por melhores recursos e condições de vida” (SOUZA, 2020, p.52).

Já para Matos (2018) essa característica é algo inerente às sociedades humanas, e nesse momento, a movimentação está generalizada. Não só a

movimentação física em busca de novos territórios, mas a movimentação de “capital, pessoas, bens, imagens e mensagens”, em especial pelo advento dos meios de comunicação e transporte e, “mais do que isso, a transformação do movimento em valor, em capital cuja acumulação confere status, mostra-se paradigmática do nosso tempo e elemento constitutivo do sujeito contemporâneo” (MATOS, 2018, p. 46).

Ao colocar o movimento como um capital nos aproximamos da ideia de que o movimento é um bem de consumo, sendo consumidor aquele que se movimenta. Essa ideia é explorada por Bauman (1999, p. 102), que nos explica que “os consumidores dos tempos modernos avançados ou pós-modernos são caçadores de emoções e colecionadores de experiências”. Essa condição para o autor seria permanente, condicionando o consumidor a ser uma pessoa sempre em movimento, pois “com efeito, viajar esperançosamente é na vida do consumidor muito mais agradável que chegar. A chegada tem esse cheiro mofado de fim de estrada, esse gosto amargo de monotonia e estagnação” (BAUMAN, 1999, p. 93).

Muitos dos viajantes e nômades digitais começam suas jornadas partindo de um sentimento de insatisfação com sua antiga vida e os modelos tradicionais de trabalho, que já não atendem mais suas aspirações, impulsionam essas pessoas a buscarem modos alternativos de vida. De acordo com Matos (2018, p.44) “comum a todos os relatos, é a negação de uma concepção tradicional de carreira e a constante alusão à cultura da flexibilidade e do faça-você-mesmo”. As viagens em períodos de férias e feriados, as fotos de Instagram em lugares paradisíacos, geram um contraste com a vida rotineira e viver esses momentos eternos de prazer se torna um sonho de consumo para nossa atual sociedade.

Os turistas tornam-se andarilhos e colocam os sonhos agridoces da saudade acima do conforto do lar - porque assim o querem ou porque consideram essa a estratégia de vida mais racional "nas circunstâncias" ou porque foram seduzidos pelos prazeres reais ou imaginários de uma vida hedonística (BAUMAN, 1999, p.100).

Alguns daqueles que escolhem mover-se constantemente, viabilizam essas viagens de diversas maneiras, sendo que uma parte utiliza verbas que foram acumuladas anteriormente e outros continuam trabalhando no decorrer das viagens. Os chamados nômades digitais fazem parte do segundo grupo, e como explicado por Matos (2018, p.38) “em muitas carreiras sempre foi possível viajar de forma frequente, mas o ponto central do estilo de vida do nômade digital é o uso da tecnologia em favor dessa mobilidade.”

Com a entrada de dinheiro, facilita-se a movimentação, aluguel de casas ou hotéis, tornando-se normal habitar espaços que para muitos são apenas lugares transitórios. “Como vivem em movimento, eles acabam tornando o efêmero seu lugar-comum ou podem ser capazes, ainda, de estabelecer vínculos diversos e ressignificá-los” (MATOS, 2018, p. 41).

Muitos dos nômades digitais são motivados a iniciar um novo modelo de vida a partir de uma insatisfação com seu modelo de vida anterior. Existem diversos depoimentos de um momento de epifania onde há uma tomada de decisão de mudança de paradigma. Assim como o personagem do documentário One Way Ticket (2017), o engenheiro Jon Yongfook, ao fazer os cálculos constatou que morar em um hotel sairia 3 vezes mais barato do que pagar seu atual aluguel e assim, percebeu que financeiramente era mais rentável para ele ser nômade. Já Amy Truong fala sobre ter a liberdade de escolha, já que para ela isso é mais importante do que de fato mudar de país ou cidade a todo momento. Outro personagem, Rodolphe Dutel, nos explica que apesar de estar de 50% a 70% do tempo descobrindo novos locais, sempre volta para a sua base que é a França, em Paris.

Esse é um grupo diverso e em expansão, e Conni Biesalski, fala no documentário citado acima sobre o crescimento da comunidade, explicando que no início da sua jornada não conhecia muitas pessoas que compartilhavam o mesmo estilo de vida e hoje participa de encontros e de grupos específicos. Para Bauman (1999, p.99), “o tipo de cultura de que participa não é a cultura de um determinado lugar, mas a de um tempo. É a cultura do presente absoluto”.

Essa comunidade é fortalecida tanto através de grupos digitais, como através do site Nomadlist, onde são facilitadas as informações sobre as cidades mais vantajosas para os nômades digitais, fornecendo informações tanto sobre custos, qualidade de internet, diversão e segurança quanto sobre espaços físicos como coworkings.

O coworking “é um movimento de pessoas, empresas e comunidades que buscam trabalhar e desenvolver suas vidas e negócios juntos, para crescer de forma mais rápida e colaborativa”<sup>1</sup>. Em geral, são espaços físicos que disponibilizam um ambiente favorável para se trabalhar com internet de qualidade. Existe inclusive um

---

<sup>1</sup> <https://coworkingbrasil.org/como-funciona-coworking/>

cruzeiro destinado a nômades, organizado pelo Johannes Voelkner, onde ocorrem palestras, workshops e atividades para o lazer, voltadas para nômades digitais.

Ao contrário das idealizações de uma vida perfeita, estar sempre de mudança não impede que o viajante tenha problemas, tristezas, ou dificuldades causadas pelo estilo de vida escolhido. Para Bauman (1999) é necessário o contraponto de uma vida insatisfatória para o estar sempre em movimento tornar-se algo satisfatório.

É preciso enfrentar muitas dificuldades em nome da liberdade turística: a impossibilidade de relaxar, a incerteza envolvendo cada escolha, os riscos ligados a cada decisão, sendo os maiores, mas não os únicos. Além disso, a alegria de escolher tende a perder muito do seu fascínio quando é preciso escolher e a aventura perde muito de sua atração quando toda a vida da pessoa se toma uma sequência de aventuras. A tentação de buscar outra forma, não turística, de felicidade está sempre presente (BAUMAN, 1999, p.106).

O mundo globalizado nos permitiu esse estilo de vida, e atualmente temos a facilidade de nos movermos fisicamente e intelectualmente por longas distâncias graças a esse fenômeno. Porém, as facilidades não são de igual acesso para todos. Bauman (1999) nos chama a atenção para as populações imigratórias que sofrem dificuldades para ocupar outros espaços e países, mesmo quando o motivo de sua locomoção se dá por necessidade. Cada vez mais precisamos de vistos, e mesmo grupos étnicos ainda são impedidos ou sofrem dificuldades para construir a vida em certos países.

Outro ponto também desenvolvido por Bauman são os riscos que a globalização traz para habitantes locais e povos tradicionais. “A hibridização cultural dos habitantes globais pode ser uma experiência criativa e emancipadora, mas a perda de poder cultural dos habitantes locais raramente o é” (Bauman, 1999, p.109). Quanto mais unificados estamos, mais parecidos também ficamos. As individualidades passam a ser pulverizadas com o passar do tempo, sendo um dos problemas socioculturais do turismo a “descaracterização das tradições e costumes das comunidades receptoras, cujos ritos e mitos muitas vezes são transformados em shows para os turistas” (Ruschmann, 2000, p.62) ou a inflação de preços e o “sentimento de inveja e ressentimento frente aos hábitos e comportamentos diferentes dos turistas e à ostentação de tempo livre e dinheiro - muitas vezes escassos para os moradores das localidades (efeito demonstração) (Ruschmann, 2000, p.63).

O turismo pode trazer problemas não só culturais como também ambientais para uma área ecológica. Para Ruschmann (2000), dentre os impactos negativos do turismo nos ambientes naturais está o acúmulo de lixo, contaminação de fontes e mananciais de água doce e do mar, poluição sonora, coleta e quebra de corais, alteração de temperatura em cavernas e grutas, alagamento e pisoteio da vegetação das trilhas e dos caminhos, alimentar de maneira indevida os animais, incêndios, descaracterização de paisagem para a criação de pontos de apoio. Entretanto, o turismo pode vir a adotar um perfil mais sustentável e menos degradante, chegando a um equilíbrio. Ruschmann (2000) propõe um turismo alternativo a partir de pequenas e médias empresas e um número inferior de pessoas, modelo esse que se opõe a um turismo de massa.

A criatividade, o espírito de inovação e de cooperação entre os pequenos e médios empresários se apresentam, portanto, como as alternativas mais promissoras para o desenvolvimento do turismo ecológico, tornando-o economicamente viável, socialmente justo e ambientalmente sadio e sustentável (RUSCHMANN, 2000, p. 68).

Porém, os nômades digitais e viajantes, ao permanecerem em uma cultura por mais tempo, podem inclusive vir a contribuir econômica e socialmente com uma comunidade. Assim como os mochileiros suas viagens são como uma subcultura de viajantes, sendo que “*backpacker* é considerada pela maior parte da literatura como uma forma de turismo ‘não institucional’. Essa forma de viagem se caracteriza principalmente por itinerários flexíveis, viagens de baixo custo, autonomia e amplo contato com a cultura local” (SOUZA, 2020, p. 54)

## 4.2 CORONAVÍRUS E SEUS EFEITOS NA VIDA DOS NÔMADES DIGITAIS

Conforme a linha do tempo divulgada pelo Ministério de Saúde do Brasil, no dia 8 de dezembro de 2019 foram registrados os primeiros casos do Coronavírus em Wuhan na China (BRASIL, 2021). Na linha do tempo do site Sanar Saúde, no dia 5 de janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) fez o primeiro comunicado oficial sobre o assunto, anunciando que havia 44 casos de “pneumonia de causa desconhecida”. O primeiro caso no Brasil foi confirmado no dia 26 de fevereiro de 2020, sendo o primeiro paciente, um homem de 61 anos que viajou à Itália (SANAR

SAÚDE, 2021). No dia 11 de março de 2020 a Organização Mundial de Saúde (OMS) declara oficialmente a pandemia do coronavírus (OPAS, 2021).

Esse novo contexto social afeta a população mundial e transforma o mercado do turismo e a vida dos nômades digitais e viajantes. Em comparação com o ano de 2019 “a Organização Mundial do Turismo, OMT, informou que 2020 sofreu uma redução de 900 milhões de turistas internacionais entre janeiro e outubro” (ONU NEWS, 2020) e essa drástica diminuição de turistas afeta diretamente o mercado, que totaliza um prejuízo de US\$1,1 trilhão nas receitas internacionais. Já “as perdas econômicas causadas pela pandemia podem chegar a US\$ 2 trilhões do Produto Interno Bruto, PIB, global” (ONU NEWS, 2020).

A expectativa era que esse cenário começasse a mudar em 2021, porém, em janeiro deste ano conforme a OMT, “as chegadas de turistas internacionais caíram 87% em janeiro de 2021, em meio a novos surtos e restrições de viagens mais rígidas. Isso segue uma queda de 85% no último trimestre de 2020.” (OMT, 2021, tradução nossa). Este fenômeno ocorre pelos aumentos de casos, surgimento de novas variantes e a vacinação que está sendo mais lenta do que se esperava. Com isso, muitos países voltaram a restringir as viagens de maneira mais rígidas e inclusive fecharam fronteiras para viajantes internacionais.

Com 32% dos destinos em todo o mundo apresentando fechamento total das fronteiras no início de fevereiro e outros 34% com fechamento parcial, a OMT espera que as chegadas de turistas internacionais diminuam cerca de 85% no primeiro trimestre de 2021 em relação ao mesmo período de 2019. Isso representaria uma perda de cerca de 260 milhões de chegadas internacionais em comparação com os níveis pré-pandêmicos (OMT, 2021, tradução nossa).

No início da pandemia, o cancelamento de voos e o fechamento das fronteiras deixou diversos viajantes, turistas e nômades sem perspectivas de quando poderiam se mover novamente ou voltar para as suas casas. Como nos contou um dos entrevistados nessa pesquisa, Leandro Mariani, 30 anos, que estava no meio de sua viagem sabática e ao serem fechadas as fronteiras teve que passar, até este momento, 1 ano na Tailândia.

Diante desse cenário ainda não existem respostas de quando os nômades e viajantes poderão ter uma mobilidade sem restrições provocadas pelo COVID-19. As vacinas são uma esperança de que poderemos voltar a viajar, porém, sem garantias de quando ou se será da mesma maneira que já foi. “Ha outras incógnitas - quanto



tempo dura a imunidade após a vacinação, o que vai acontecer com as perigosas variantes - a incomodar os cientistas e a população.” (READ/NATGEO, 2021)

### 4.3 A LINGUAGEM DO DOCUMENTÁRIO

Quando se fala em documentário, em geral, já se tem uma visão do que se trata essa linguagem, porém, como a ficção e o documentário podem se utilizar dos mesmos recursos e ainda assim serem linguagens diferentes, devemos aprofundar um pouco mais essas ideias para definir o que faz um filme ser considerado um documentário. Para Nichols (2016, p. 19) tradicionalmente, conseguir demonstrar ao público uma impressão de autenticidade é um ponto-chave. O cinema, feito pelo movimento dos fotogramas, precisa passar a sensação de uma representação autêntica. “Quando aquele movimento é o movimento de atores sociais (povo) que não representam para a câmera e não desempenham papéis num filme de ficção, ele parece atestar a autenticidade do filme” (NICHOLS, 2016, p. 19).

Inicialmente o documentário surge como um registro e uma curiosidade por povos distantes e primitivos, segundo Mattos (2016). Porém, o advento do som no cinema e a sincronização da imagem e do som nos trouxe a possibilidade de fazer entrevistas, sair desse papel de apenas observadores e trazer ao cinema e ao documentário essa nova possibilidade de diálogo, “a história do documentário na primeira metade do século XX é uma lente caminhada em direção ao contato verbal com o outro” (MATTOS, 2016, p. 21).

Ao falar sobre os filmes de Eduardo Coutinho, documentarista brasileiro, Matos (2016) nos apresenta um pouco mais sobre esse contato verbal entre o documentarista e o entrevistado, “são filmes sobre os encontros do documentarista com determinadas individualidades. Encontros com total proximidade física, ainda que a distância social continue evidente e não dissimulada” (MATTOS, 2016, p. 28). O diretor aparece sempre presente como uma voz que participa da narrativa e não tenta se esconder e tanto o encontro quanto o próprio documentário promovem uma transformação social. O documentário “pode ser um importante instrumento para o conhecimento real dos acontecimentos, de maneira a compreender os mecanismos de construção daquela realidade” (ZANDONADE; FAGUNDES, 2003, p.31).

A preocupação com a difusão de conhecimento e o debate de questões sociais muitas vezes está presente no fazer documental. De acordo com World Union

of Documentary em 1948 o documentário tem “o objetivo de estimular o desejo e a ampliação de conhecimento e das relações humanas como também colocar verdadeiramente problemas e suas soluções nas esferas das relações econômicas, culturais e humanas” (LEON,1999, p. 64 apud RIBAS, 2003, p. 4). Além disso, o documentário pode chegar a ser motivador para mudanças sociais.

Acredita-se que tais qualidades verificadas podem despertar a mobilização social por serem desenvolvidas a partir do caráter interpretativo do gênero utilizado. O vídeo documentário, além de valorizar os fatos individuais e peculiares com a valorização das diferenças destacadas por Machado, ainda possui uma linguagem mais aprofundada dos temas apresentados e, portanto, pode ser um veículo de impulsão para o desenvolvimento cultural (ZANDONADE; FAGUNDE,S 2003, p. 40).

Nichols (2016) nos apresenta alguns dos pontos em comum dos documentários, mostrando-nos que esses filmes têm um compromisso com os fatos, situações e acontecimentos reais, com pessoas que não estão desempenhando papéis, e a história contada não é uma versão imaginativa do que aconteceu. Apesar disso, o documentarista contribui com sua individualidade para a construção da história. “A história que um documentário conta tem origem no mundo histórico, mas, ainda assim, é contada do ponto de vista do cineasta e na voz dele” (NICHOLS, 2016, p. 35). Ou seja, não apresentamos apenas os fatos concretos, mas também construímos uma maneira de apresentação dessa realidade. “O documentário representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos nos deparado antes, mesmo que os aspectos fatuais desse mundo nos sejam familiares” (NICHOLS, 2016, p. 36). A definição dada pelo autor sobre esses tópicos seria a seguinte:

O documentário fala de situações e acontecimento que envolvem pessoas reais (atores sociais) que se apresentam para nós como elas mesmas em histórias que transmitem uma proposta, ou ponto de vista, plausível sobre as vidas, as situações e os acontecimentos representados. O ponto de vista particular do cineasta molda essa história numa maneira de ver o mundo histórico diretamente, e não numa alegoria fictícia (NICHOLS, 2016, p. 37).

#### 4.4 ANÁLISE FÍLMICA

Nesse momento inicial de pesquisa para o documentário *Em movimento* é de extrema importância ter referências documentais, tanto da temática de nômades e

viajantes quanto das diversas possibilidades linguísticas para a produção documental. Apenas assisti-los não é o suficiente para se tornar um documentarista, porém é um passo importante nessa jornada.

Antes de tudo, se você é um documentarista iniciante, veja muitos documentários e vídeos de informação. E veja com olhos críticos. Documentários, assim como outras formas criativas, vão do excelente ao medíocre. Tente encontrar aqueles que o motivam a achar o que você gosta neles. Faça o mesmo com os documentários que você não gosta. Você pode aprender muito analisando um documentário que faz você desligar a TV. (HAMPE, 1997b, p.10).

Durante as pesquisas de referências documentais sobre nômades digitais, o filme *The Digital Nomad Documentary* (2017), da diretora Youjin Doo foi o primeiro com o qual me deparei. Nesse filme a diretora explora temas como a insatisfação com a vida antes de se iniciar a jornada do nomadismo, os modos de se viver como nômade, as vantagens e desvantagens, a produtividade do trabalho a distância, coworkings e empresas que adotam o estilo nômade, burocracias e taxas para quem está sempre mudando de país, solidão e relacionamentos, dentre outros. Esses temas são levantados através de entrevistas de nômades, sendo eles os que viajam sozinhos, em casal, em família, mais novos ou mais velhos. Existe uma grande variedade de perfis nesse documentário de 1 hora e 12 minutos e ele possibilita um aprofundamento no tema e o conhecimento de histórias de pessoas de todo o mundo, embora, nessa pesquisa a proposta seja fugir da estrutura de expor o tema apenas por trechos de entrevistas.

*Nomadland* (2020), de Chloé Zhao, foi o ganhador dos prêmios de melhor filme, melhor direção e melhor atriz, e também foi indicado para melhor roteiro adaptado, melhor fotografia e melhor montagem no Oscar de 2021. O filme de ficção utiliza-se de diversas linguagens documentais e apresenta personagens reais que atuam com eles mesmos, sendo uma adaptação do livro com mesmo nome, lançado em 2017 pela escritora Jessica Burder. Por meio da história de Fern conhecemos a trajetória de diversos personagens que passam em sua vida, como Linda, David, Gay, Swankie e Cat. Para mim, foi uma aula de como fazer um filme sobre a temática de maneira sensível, verdadeira e profunda, com uma linguagem visual madura e esteticamente bonita. O fato de esse filme ganhar o Oscar deste ano nos mostra o quanto o tema está em alta e o quanto há interesse em conhecer e retratar o assunto. O filme consegue retratar o lado destrutivo do capitalismo, a solidão, melancolia, o

preconceito, a escolha consciente de estar em liberdade, a sensação de não pertencimento, as relações que são construídas na estrada, pontos negativos e positivos de se mover, dentre tantas outras gamas de sentimentos de um nômade que escolhe esse estilo de vida por desejo e por necessidade.

Elena (2012) de Petra Costa é um filme que reassisti para compor as referências do *Em movimento*. O filme trata da jornada da diretora brasileira Petra Cosa em sua busca por compreender o suicídio de sua irmã Elena em Nova York. O filme conta com um estilo poético, com muita sensibilidade para tratar deste tema delicado. O documentário para mim é uma referência em vários sentidos: a presença da diretora e da sua história no filme como fio condutor, o uso do *voice over* com reflexões, poesias, sonhos e arquivos pessoais para narrar a história e a construção visual. A direção de fotografia do documentário que conta com imagens em movimento, andando pela cidade de Nova York, imagens de arquivo pessoal, imagens da diretora em sombras, espelhos, água, e outras construções visuais sensíveis são artifícios que me inspiram a criar para o documentário *Em movimento*.

O curta Estradas (2021) de Lara e Camila - idealizadoras do Life Sessions - e Aline e Renata - idealizadoras do Mundo Sem Muros - é patrocinado pelo site de trilhas sonoras Artlist e acompanha essas 4 mulheres videomakers em uma *roadtrip* pelo sul do Brasil. É uma referência para o *teaser* e documentário que será produzido para o *Em movimento*, por sua estética de imagens na estrada, pela direção de fotografia, uso de drone, imagens que aparecem as próprias diretoras, uso de luz natural, recortes de acontecimentos durante a viagem e imagens em movimento. Esse filme conta com um *storytelling* sobre viagens e analogias da vida em movimento e uma aproximação da linguagem publicitária, com uso intenso de trilhas musicais, sendo que essa última parte, mesmo tendo funcionado muito bem para esse produto, não será uma escolha estética para o *Em movimento*.

A fotografia do editorial - Flutuar (2021), da produtora Claraboia, trabalha com uma fotografia estática, planos assimétricos, luz e sombra, preto e branco, em formato 4x3, analógico e muita profundidade. Esses são recursos que trazem um olhar poético para a obra que pretendo explorar no documentário e no *teaser*. O editorial mostra uma dançarina pela cidade de Brasília, e a presença de uma pessoa em meio ao concreto se movimentando com a dança em espaços amplos traz uma ocupação do espaço monumental e do arquitetônico, e portanto, essa sensação de ocupação da cidade também quero explorar no *teaser* e no documentário.

Como referência no formato, destaco o filme *Nome de Batismo - Alice* (2017) de Tila Chitunda, que acompanha a viagem de Alice a Angola para conhecer suas raízes familiares. Esse curta trabalha muito bem a participação da diretora que se envolve diretamente com toda a narrativa e consegue nos transmitir muitas das sensações que ela mesma teve ao viajar.

Outra referência é *NoirBlue* (2018), no qual a diretora Ana Pie faz uma viagem à África Subsariana e traz uma poesia através de palavras, danças e imagens em relação a sua ancestralidade, bem como *Retratos para você*, 2017 de Pedro Nishi, por contar uma história real de maneira inventiva e afetuosa, inclusive, uma história sobre um forasteiro e suas relações com nativos.

No que diz respeito ao conteúdo, destaco o filme *Solo Trip For Nosotras* (2017), onde a diretora Angelica Lourença entrevista algumas mulheres, de diversas nacionalidades, que viajam sozinhas. Assim, é demonstrado um pouco da vida daquelas que decidem estar em movimento. Nesse documentário a diretora contou com uma grande quantidade de entrevistadas, explorando assim diversos pontos de vistas sobre uma mesma situação de viajantes. Diferente desta escolha, pretendo contar com menos pessoas durante a gravação e com falas que surgem mais naturalmente no decorrer da convivência com essas pessoas que passaram tanto por minhas viagens quanto pela narrativa do filme.

O documentário *Espero tua (Re)volta* (2019) de Eliza Capai é um filme impactante que se utiliza bem das cenas de ação das manifestações e movimentos sociais para prender a atenção. Apesar disso consegue trazer uma linguagem acessível e descontraída. É interessante a linguagem que se utiliza de três personagens para narrar o filme, percorrendo as suas histórias pessoais e coletivas das quais participaram. Acredito que o documentário conseguiu gerar uma aproximação do público ao tratar o lado humano dos personagens, brincadeiras, vivências, medos e sonhos. O documentário também utiliza três recortes distintos, de maneira não linear, das seguintes pessoas: um menino negro (Lucas Koka), uma menina branca (Nayara Souza) e uma menina negra (Marcela Jesus). A qualidade técnica de imagem e som ajuda a prender a atenção. Apesar de muitas das imagens terem sido utilizadas de outros documentários, arquivos televisivos, arquivos de produtores audiovisuais independentes, o documentário consegue manter um padrão de qualidade imagética, trazendo uma sensação de unidade fílmica. Mesmo assim, o

grande diferencial está no storytelling, em como o roteiro foi construído passando por esse recorte histórico.

O documentário *5x chico, o velho e sua gente* (2015) dos diretores Ana Rieper, Eduardo Nunes, Eduardo Goldenstein, Gustavo Spolidoro, Camilo Cavalcante faz mescla de várias linguagens documentais como observacional, reflexiva e poética, para a construção do filme, possibilitado provavelmente por ter cinco olhares diferentes, já que cada estado por onde o rio passa é retratado por um diretor(a) diferente. Muitas imagens interessantes e bem executadas, alguns planos não tradicionais chamam atenção, por exemplo, as cenas onde a câmera acompanha os movimentos: como se fosse um peixe dentro da rede, nadando no rio ou a câmera baixa acompanhando as crianças jogarem futebol. Em alguns momentos, creio que saia um pouco do foco do rio para retratar mais das pessoas que vivem ali próximas, não consigo definir se é algo bom ou se perde um pouco o gancho do rio, que une tanto os estados quanto os diretores. Algumas cenas me deixam com a dúvida se eles ensaiaram com os protagonistas ou passaram muito tempo em convívio até a câmera se tornar algo natural, como na última parte, com direção de Eduardo Nunes onde a câmera acompanha Seu Heleno, inclusive acordando.

Explorando mais filmes da coreana Youjin Do, cheguei ao *Feminism Robot* (2018), um documentário que retrata a retomada do feminismo na Coreia do Sul, em especial na cidade de Seoul, e que demonstra através de um fato histórico (o feminicídio de uma mulher em uma estação de trem) o retorno das mulheres à leitura, aos estudos e à manifestação sobre pautas feministas. Ela entrevista mulheres de diferentes idades e de diferentes contatos com o feminismo e demonstra como esse fato foi interpretado por cada mulher ou grupo diverso de mulheres. Além de aproveitar o gancho para discutir sobre outras violências de gênero que as mulheres coreanas sofrem, como o assédio moral nas ruas. Utiliza-se de técnicas mais tradicionais de entrevistas e de imagens de manifestações, atos políticos e gráficos para exemplificar os dados sobre as violências na Coreia.

## 5 METODOLOGIA

### 5.1 PROPOSTA DE DIREÇÃO

Este documentário terá aproximadamente 40 minutos de duração, e de acordo com as classificações de documentários propostas por Nichols (2016), poderá ser classificado como um documentário poético participativo, poético e ensaio em primeira pessoa. Apesar de querer conhecer essas pessoas, tenho minhas próprias histórias com as viagens e o nomadismo digital e acredito que naturalmente interferiria nesse documentário, o que me afasta por exemplo do modelo apenas observativo, portanto, prefiro já estar completamente presente nessa narrativa. Tenho diversas perguntas que ainda não sei quais são as respostas e pretendo desenvolvê-las durante a execução da obra.

Ao mesmo tempo, haverá influências do documentário poético por não se ater à cronologia do tempo e ao espaço e por focar mais no afeto do que em uma necessidade rígida de transpor uma verdade. Pretendo utilizar da entrevista, narração e imagens contemplativas para tentar mesclar esses três estilos de documentários.

O documentário está composto por etapas de um ciclo do viajante - como será descrito no tópico Roteiro e tratamento – mas estas não necessariamente ficarão evidentes para os espectadores. Apesar desta estrutura o documentário seguirá de maneira mais fluída, onde aparentemente não há uma sequência cronológica ou narrativa. A intenção é deixá-lo mais livre, vagando entre os vários assuntos possíveis, assim como viajantes vagam pelo mundo.

A ideia é fazer uso da narração em alguns momentos, porém, como fragmentos de todas as reflexões e dúvidas que passam na minha própria cabeça, intercalando com a participação dos personagens que estarei acompanhando, de modo que os permita se sentirem, na medida do possível, confortáveis para falarem sobre si e sobre viagens sem ser através das entrevistas, nas quais abordarei essa temática.

As filmagens serão feitas durante viagens que não têm um roteiro fixo, mas que se iniciou em Montevidéu, capital do Uruguai, primeiro país que visitei após sair do Brasil, e onde sou residente Mercosul. É um local que me oportunizou o entendimento de que gostaria de seguir como viajante e no qual tive contato com esse universo. Morei em dois hosteis nesta cidade, ponto de encontro para muitos dos que

estão em movimento. Agora em 2021 volto como um recomeço da trajetória ou a continuação da mesma.

A fotografia será baseada em luz natural, se limitando às luzes artificiais do momento, não incluindo novas fontes de iluminação. Os planos serão compostos por imagens da natureza, meios de locomoção dos mais diversos (moto, carro, motorhome, barco, avião), da cidade e de pessoas que estão sempre transitando. Essas imagens têm o objetivo de transmitir a sensação de movimento e chegada, tanto em lugares comuns quanto em lugares extraordinários. As imagens e os sons serão utilizados para alcançar a qualidade sensorial. Fotografia em primeiro plano e plano detalhe, no meu ponto de vista, sempre estarão presentes, mas também será intercalado com as imagens de paisagens com planos gerais e em movimento.

O som busca o mesmo objetivo da fotografia de atingir o sensorial, sendo que os sons ambientes da natureza como de rios, mares, cachoeiras, chuva, vento, animais se mescla com os ruídos intensos da cidade, automóveis em velocidade, pessoas, construções. Para quebra desse padrão, em alguns momentos, o silêncio de uma noite tranquila ou de um local vazio fará contraste com tanto movimento, entrando as reflexões da necessidade de parar, mesmo para pessoas que se movem tanto.

A montagem contará com recursos como dupla exposição, colagem, para integrar criativamente os diversos ambientes, luzes e momentos distintos. Será usado criativamente as vozes de entrevista ou narração e seleção de imagens que tanto se casem com o que está sendo dito metaforicamente quanto apenas pela contemplação visual. A colorização está sendo decidida entre o preto e branco e uma coloração mais sépia, ambas para acentuarem uma nostalgia na imagem.

## 5.2 ROTEIRO E TRATAMENTO

Ao pensar em roteiros remetemo-nos inicialmente aos filmes ficcionais, como aborda Puccini (2009) em seu artigo. O documentário, em especial o documentário direto, costuma ser associado ao mito de que só é exigido ligar a câmera e alguma sensibilidade do documentarista.

Esse equívoco na concepção do processo de construção do filme documentário, sustentado pela falsa ideia de que o gênero exige menos preparação ou menos da intervenção criativa do cineasta, vem sendo



constantemente refutado por documentaristas e teóricos verdadeiramente envolvidos com a prática. Documentário é também resultado de um processo criativo do cineasta marcado por várias etapas de seleção, comandadas por escolhas subjetivas desse realizador (PUCCINI, 2009, p.176).

É certo que dependendo da linguagem escolhida não é possível escrever um roteiro detalhadamente, cena a cena. Para Hampe (1997b, p.1) “escrevendo um documentário espontâneo, a ênfase é na visualização e na organização, não na narração ou no diálogo.” Para o autor, um roteirista de documentário pode contribuir com pesquisa e planejamento, visualização, na organização da estrutura do documentário e na redação de textos.

Porém, é necessário organizar o documentário de maneira concisa e robusta, inclusive para que se possa captar recursos para viabilizar a execução do mesmo. E para além do quesito financeiro, o resultado do documentário está diretamente ligado à pesquisa prévia.

Por ser um formato aberto, que está sempre sujeito a interferências advindas do ambiente externo, o documentário é um gênero que exige bastante preparo para sua realização. Ao iniciar um projeto, o documentarista deve ter em mente todas as possíveis reviravoltas do filme que ocorrem no período de filmagem e se preparar para isso. O período de pesquisa, se bem conduzido e aprofundado, ajuda ao documentarista a ter noção precisa da validade de seu projeto mesmo que, no decorrer do filme, este sofra alterações que não foram previstas na pré-produção (PUCCINI, 2009, p. 189).

Inicialmente foi escrito um argumento - que nesse caso é contemplado pelos capítulos: introdução, problema de pesquisa e justificativa – para em seguida ser feita a escrita de um tratamento, que de acordo com Puccini (2009, p.188) “o tratamento é um roteiro em aberto. Suas várias lacunas deixam espaço para conteúdos obtidos durante a filmagem”. O mesmo autor também nos explica que o tratamento cuida da estrutura do documentário, nos permitindo visualizar a ordem em que as sequências do filme irão aparecer. Para Hampe (1997b, p.4) o tratamento é entendido como um esboço do documentário e “deve ser completo o suficiente para ser usado como base para fazer um orçamento preliminar do documentário.”

Em contrapartida, o roteiro delimita mais as estruturas do filme, e para algumas obras essa delimitação pode ajudar na construção da linguagem. Quando não sabemos o que filmar, perdemos muito tempo e espaço com materiais brutos, nos impedindo de explorar melhor o que de fato é interessante para o produto audiovisual e correndo o risco da narrativa se tornar muito vaga.

O roteiro abrange todas as etapas do documentário: início, meio e fim. É escrito em cenas que descrevem todas as ações e falas que devem ocorrer em determinados locais e em determinados momentos. Começa-se uma nova cena toda vez que se muda o tempo ou o espaço da ação. Um roteiro normalmente inclui diálogos de atores. Mas nas cenas de vida real, ou em depoimentos, o roteiro apenas menciona o que se espera que as pessoas possam dizer (HAMPE, 1997b, p.6).

O mais importante no roteiro do documentário são as imagens, pois são elas que irão convencer o público e mostrar a situação. Ao pensar em documentário, corre-se o risco de acreditar que apenas entrevistas transcritas e um script baseado nessas informações são suficientes. Mas como diz Hampe (1997b, p.9) “suas imagens são a evidência visual de seu documentário e devem falar por si só”. A própria narração deve ser usada com cuidado, apenas com o que as imagens não podem explicar. Se o foco é apenas nas narrações, corre-se o risco de ficarmos presos em busca de imagens apenas para ilustrar o que está sendo falado.

Em contrapartida, Mattos nos explica em seu livro, Cinema de fato, que Eduardo Coutinho “se insurgia contra o senso-comum de que o cinema é fenômeno condicionado somente pela visualidade e no qual a palavra desfrutaria de estatuto inferior” (MATTOS, 2016, p. 27). Este filme contará com um tratamento para dar uma estruturação geral ao projeto e o roteiro com as descrições mais detalhadas. Para construir esses dois guias comecei criando um mapa mental da estrutura geral que pretendo dar ao filme.

Figura 1 – Mapa mental

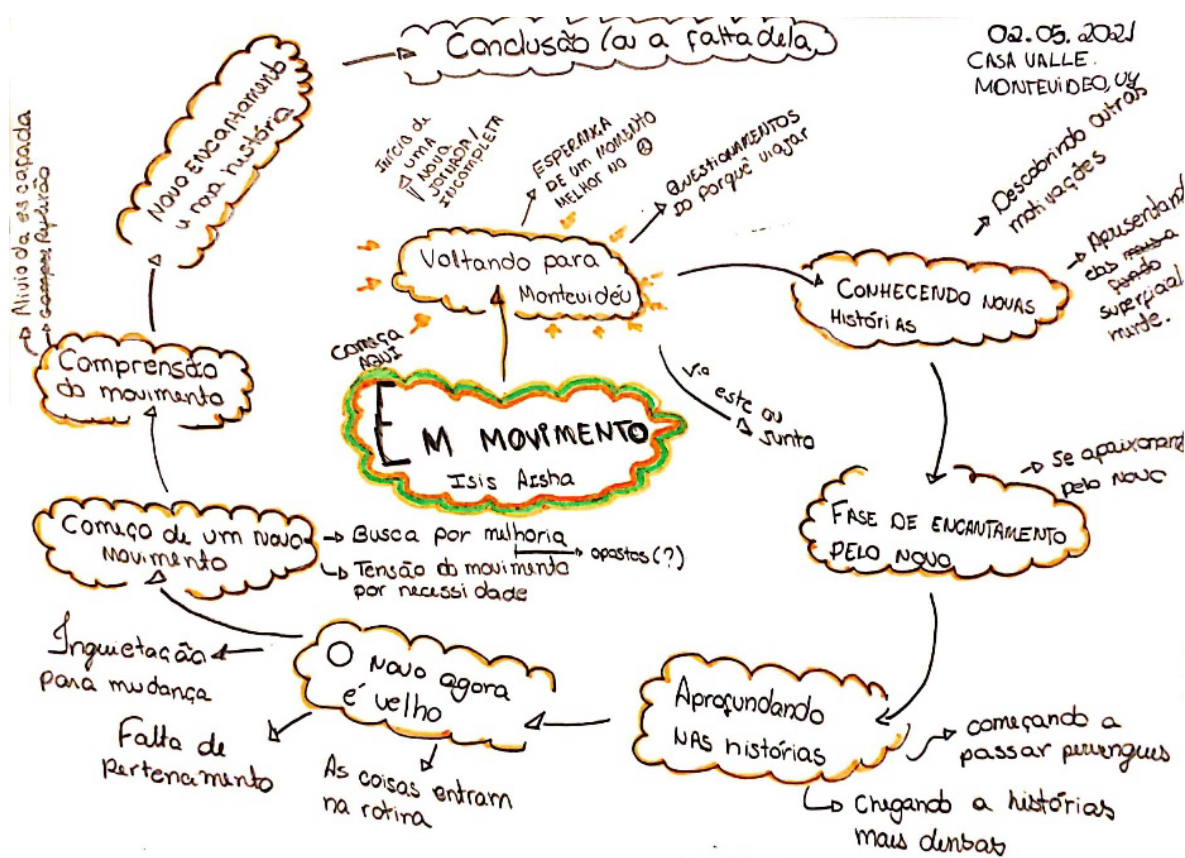


Imagem: Isis Aisha

Ou seja, o fio condutor da história é meu retorno para Montevidéu e o início de uma nova jornada. A volta para a cidade é ao mesmo tempo iniciar algo novo e continuar uma antiga jornada que foi interrompida pela pandemia do Coronavírus. Voltar significa uma esperança de que essa situação possa estar prestes a ser controlada e o recomeço das inquietações do porquê estou viajando e não escolhendo estar em um lugar confortável, no caso, Brasília – Brasil. A partir deste ponto começo a entrar em um ciclo que é coincidente para alguns viajantes, o de conhecer um novo lugar, se apaixonar, se aprofundar, se entediar, escapar e começar o processo novamente em um outro ponto.

Ao chegar neste novo local começamos a conhecer novas histórias e uma fase de encantamento por tudo que é apresentado. Neste primeiro momento conhecemos superficialmente essas histórias e começamos a ser apresentados a motivações distintas das minhas para se viajar. Com o passar do tempo e convivência essas histórias começam a sair do âmbito da superficialidade e se tornam mais

profundas e densas. Alguns problemas começam a se apresentar, como os chamados “perrengues” das viagens. Após um tempo este local passa então a não ser mais um novo local e tudo começa a ter um novo ritmo, de rotina, a falta de pertencimento passa a ser um sentimento existente e começa então uma inquietação e desejo por mudanças. Assim se inicia um novo processo de movimentação, a motivação transita entre uma busca de melhoria e a tensão do movimento por necessidade, sendo este o grande ponto de virada do roteiro.

Ao terminar esse processo intenso de movimento e mudanças temos novamente um tempo para diminuir a velocidade e tentar entender o que se passou. O sentimento no momento é do alívio de uma escapada bem-sucedida e um processo interno de autoanálise e reflexão. Ao mesmo tempo, ou um pouco depois, estamos novamente na fase do encantamento e possivelmente se inicia um novo ciclo semelhante. Neste momento conhecemos superficialmente mais uma história e caminhamos rumo a uma conclusão para o documentário e possivelmente para uma falta de conclusão em relação aos pensamentos.

Em seguida incluo a primeira versão do tratamento e do roteiro, sendo que ao longo do ano serão elaboradas outras versões, cada vez mais robustas e estruturadas. O tratamento incluso nesse trabalho se baseia no modelo exemplificado em Hampe (1997b, p.5), em Escrevendo um Documentário e o roteiro está no modelo utilizado em usualmente em televisão com duas colunas, uma para vídeo outra para som.

### Quadro 1 – Tratamento

#### **Proposta do filme:**

1. Acompanhar uma viagem minha e meu processo de busca por respostas do porquê viajar e ser nômade digital.
2. Mostrar pessoas que encontrei no caminho com motivações divergentes ou semelhantes da minha do porquê viajar.
3. Entender os pontos positivos e negativos de se estar em movimento.
4. Conhecer maneiras distintas de viver viajando.
5. Compreender as opções disponíveis para viabilizar esse estilo de vida.
6. Observar o processo de desenvolvimento pessoal dos viajantes.
7. Mostrar como os viajantes e nômades criam seus laços afetivos e os mantêm.
8. Diminuir a ideia de que viver viajando é algo inalcançável.
9. Contribuir para a desmistificação deste estilo de vida, trazendo informações e tornando o caminho um pouco mais fácil para quem decidir trilhá-lo.
10. Fomentar mais oportunidades para os nômades e viajantes.

#### **Abordagem (approach) do filme:**

Este será um filme participativo, reflexivo e poético. O filme pretende por meio de uma viagem pessoal da diretora chegar a histórias de outros viajantes e nômades digitais. *Em movimento* conta com muitas imagens em meios de locomoção, em POV, imagens da

própria diretora como autoretrato ou captado por outros fotógrafo. Pretendo participar da rotina de outros nômades e produzir de imagens em sua rotina ou a falta delas. Os personagens não serão direcionados para a câmera e pretende-se, na medida do possível, naturalizar a presença da câmera nessas interações. A câmera será manipulada pela própria diretora.

### **Conteúdo do filme:**

As situações a serem filmadas deverão incluir (mas não somente):

1. Trânsito de pessoas em aeroportos, rodoviárias, portos, estradas e outros pontos de alto fluxo de locomoção.
2. Lugares isolados com uma beleza natural que causem impacto.
3. Habitar locais transitórios como cafés, hostéis e hotéis, halls de aeroporto.
4. Conversas com nômades digitais e viajantes, de maneira o mais natural possível, e com espaços vazios e interferências da diretora.
5. Imagens próximas da diretora e de outros viajantes.
6. Acompanhar momentos de situações incômodas, como um transporte sem infraestrutura, um plano que não deu certo, um “perrengue” como é chamado.
7. Gravar momentos sem o luxo de um viajante tradicional, vivendo em uma casa mais simples, comendo uma comida barata, e outros.
8. Conversar sobre a infância dos participantes e se isso influenciou na sua escolha atual de estar em movimento.
9. Estar presente em momentos de êxtase por poder ter liberdade geográfica, onde aconteça alguma surpresa ou situação muito positiva.
10. Filmar momentos sem grandes emoções na vida do viajante. O tédio, o cansaço da vida que depois de um tempo pode se tornar a mesma em qualquer lugar.

Fonte: Elaboração própria

Para construir o roteiro, escrevi algumas cenas que acredito que vão compor o documentário em pequenos pedaços de papel. Ao visualizá-los materializados comecei a construir a estrutura do documentário de acordo com o mapa mental desenhado anteriormente.

**Figura 2 – Esboço das cenas**

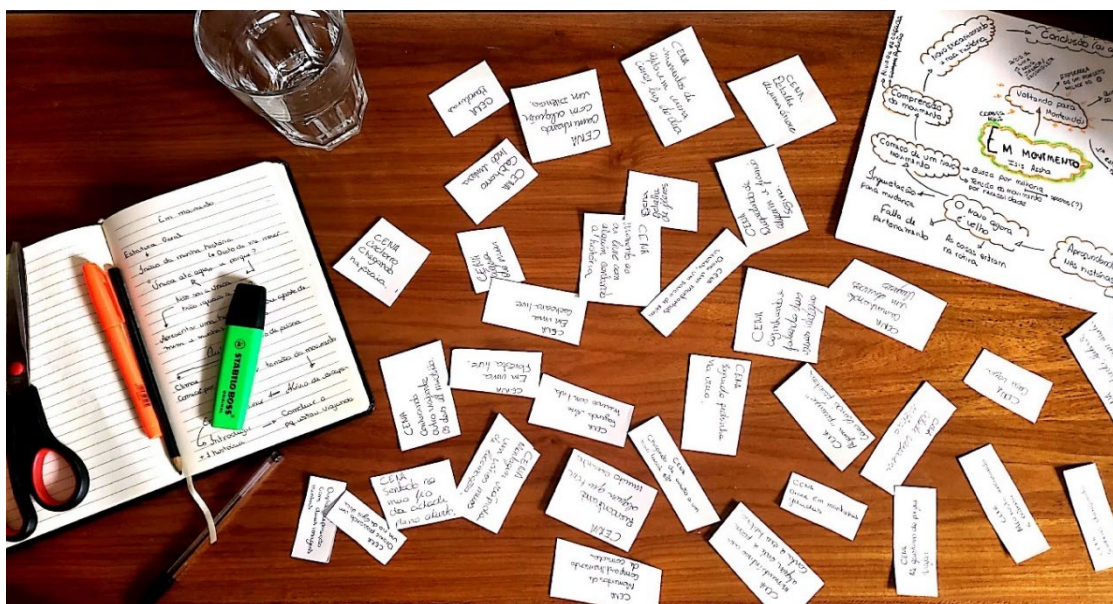


Imagem: Isis Aisha

**Quadro 2** – Roteiro do documentário

<b>EM MOVIMENTO</b>	
Roteiro   Primeira versão	
<b>IMAGEM</b>	<b>SOM</b>
Primeiro momento: Retorno a Montevideú e começo da nova jornada	
Isis chega caminhando em Montevideú com uma mala e mochila nas costas (Em um plano aberto, lateral)	Som ambiente da cidade, sem ruídos intensos
Isis sentada em um meio frio da cidade usando o celular (Plano aberto, frontal)	Som ambiente da cidade, sem ruídos intensos
Isis está caminhando pela cidade (Plano em movimento)	Voz em off: Recomeçar ou retornar de onde parei, se é que isso é possível. Mesmo sem se mover, a gente nunca parou. (Explica neste texto que está retornando a Montevideú depois de um ano)
Detalhe da natureza, flores e folhas balançando com o vento.	Surgem questionamentos em off do porquê viajar
Segundo momento: Fase do encantamento e conhecendo novas pessoas	
Conhecendo mais um outro viajante	Entrevistado começa a introduzir sua história de viagens.
Começa a integrar o novo ambiente e passa a desenvolver alguma nova habilidade, por exemplo, fazer arte, mexer com tinta	Sons do ambiente, falas do grupo que está fazendo arte, trilha.
Conhece as paisagens próximas do local como por exemplo uma floresta	Som da natureza, silêncio confortável.
Conecta-se com a natureza	Som da natureza, silêncio confortável.
Momento ao ar livre com o viajante que conheceu contando a sua história	Viajante começa a contar sua história de maneira mais aprofundada
Isis vai caminhar e chega em uma praia	Barulho da cidade não tão intenso
Cena cachorro chegando na praia	Barulho do mar e do cachorro
Água do mar, captado por drone	Barulho do mar
Cachorro indo embora	Barulho do mar e do cachorro
Momento de compartilhamento entre viajantes, fazendo comida e compartilhando a comida	Falas dos viajantes, momento em que conversam sobre um desejo de começar a se mover
Terceiro momento: quando o novo passa a se tornar velho	
Imagens da cidade vazia	Pouco ruído de cidade
Sombras de Isis dançando nas paredes da cidade ou do hotel	Voz em off de uma reflexão de como o desejo de se mover volta para os viajantes e o que era novo já não é mais
Isis retorna para casa e está vazia	Som ambiente
Dupla exposição de uma imagem da cidade em movimento sem nenhuma	trilha

pessoa, outra imagem do mesmo local com a Isis parada entre os carros	
Rosto da Isis encarando a câmera	trilha
Rosto de outros viajantes encarando a câmera	trilha
Arrumando as malas	Volta voz em off da necessidade de movimento
Quarto momento: quando se inicia novamente o movimento	
Caminhando em diversos lugares	Trilha tensa
Alguma situação incômoda acontece, carro quebra, locomoção sem infraestrutura e etc	Som do que está acontecendo e falas do momento
Vários takes de diversos meio de locomoção	Trilha começa a ficar mais tranquila
Caminhando por uma nova cidade	Barulho suave da cidade
Reencontrando alguém que tem muito carinho	Áudio do reencontro
Quinto momento: Reflexão pós movimento	
Isis em uma cachoeira e andando por uma trilha	Áudio da natureza, trilha e falas que acontecerem ali
Caminhando com alguém em silêncio	Barulho da natureza
Drone passando por um rio de água doce	Barulho da água e trilha Voz em off sobre o sentimento de calma pós a intensidade do movimento
Olhando pela janela de um ônibus	Barulho de motor e trilha Continua voz em off
Sexto momento: conhecendo novas histórias e novo momento de encantamento	
Momento íntimo com alguém, onde a pessoa conta a sua história	Áudio da entrevista
Drone em montanhas verdes, um pouco de névoa	Áudio da entrevista
Compartilhando comida com um grupo de pessoas em um acampamento	Áudio do momento e da conversa
Despedindo do grupo e ficando sozinha	Barulho de motor e silêncio
Caminhando em um trilha sozinha	Voz em off e novas reflexões sobre ser bom também estar sozinha
Várias bandeiras de várias nacionalidades em um ponto da trilha	Trilha
Drone chega em montanhas geladas	Trilha
Sétimo momento: inicia-se o novo movimento outra vez	
Isis volta para uma cidade	Barulho intenso de cidade movimentada
Chega no aeroporto e pega um voo para uma nova viagem	Barulho de aeroporto e voz em off de conclusão, ou falta de conclusão das motivações de se viajar

### 5.3 PERSONAGENS

Além da minha trajetória, em *Em movimento* também estarão entrelaçadas as histórias de outras pessoas que decidiram adotar o mesmo estilo de vida. Cada uma delas com uma motivação e sonhos distintos, mas com este ponto em comum. Essas pessoas que irão atravessar a minha narrativa pessoal são pessoas que encontro pela viagem, seja intencionalmente ou como uma surpresa. Ou seja, pretendo ter personagens já pré-estabelecidos, como por exemplo, tanto algumas das pessoas que já fiz uma pré-entrevista, onde me locomovo até onde estas pessoas estão, quanto pessoas novas que conhecerei na estrada, como por exemplo, o nordestino Kanoco Yhamachim, natural de Mossoró, Rio Grande do Norte. O conheci em Montevideo, fazendo voluntariado no mesmo hostel que eu. Ele chegou na cidade vindo de Porto Alegre, de bicicleta, com um passarinho em seu casaco, que voou ao chegar aqui. Entrou em terras uruguaias mesmo sem permissão legal, já que as fronteiras estão fechadas devido a pandemia do novo Coronavírus.

As pessoas que se submetem a estar diante de uma câmera criam uma *self* que de acordo com Nichols (2016) é “menos uma máscara que se adota do que um meio flexível de adaptação. Ela sugere que a identidade individual se desenvolve como reação aos outros e não é uma característica permanente e indelével” (NICHOLS, 2016, p. 32). Ou seja, as pessoas reagem de maneira distintas em cada situação social apresentada e o momento da gravação e a presença da câmera também são fatores que irão gerar reações distintas para com quem está sendo gravado.

Apesar disso, pretendo deixar o momento da gravação o mais confortável possível. Não pretendo captar depoimentos logo no primeiro momento que encontro ou conheço as pessoas. Pretendo sim, sempre estar com a câmera disponível para que a presença da máquina não seja de estranhamento nos momentos de conversas, mas espero que estes momentos se construam aos poucos. Por isso, pretendo conviver com as pessoas que irão participar do documentário, como o Kanoco que está morando aqui no momento da escrita deste trabalho. Estas histórias serão então captadas aos poucos, mas principalmente, o que quero demonstrar no trabalho são as percepções de mundo de cada um.



## 5.4 PRÉ-ENTREVISTAS

Antes mesmo de começar a produzir o documentário, acredito que para que eu entenda melhor a motivação de outras pessoas e possa ter um embasamento mais robusto, a fase de pré-entrevistas com algumas pessoas com diferentes perfis de viagens não pode ser desconsiderada. Para tanto, entrevistei 6 pessoas, sendo duas delas um casal que viaja em conjunto.

O casal, composto por Aline Fukace, 32 anos e Elizeu Júnior, 35 anos, toca o projeto chamado No Caminho do Bem, onde trabalham, produzem conteúdos e viajam à bordo de uma kombi, ano 1975. Leandro Mariani, mineiro de 30 anos, produtor de conteúdo digital, ministra cursos online sobre viajar barato e viver trabalhando e viajando. Lita Storm, 23 anos, cigana e artista que viaja desde sua infância. Hanna Guimarães, 25 anos, sócia de uma agência de marketing digital e nômade digital que viaja sozinha e Mary Teles, 30 anos, que assume o Vida Mochileira, mora na Inglaterra, produz conteúdos de viagens e se considera mochileira.

O grupo escolhido contempla alguns dos vários modelos de se viajar, casais, mulheres e homens solteiros, mulheres casadas, que viajam de avião, carona, kombi, trem e outros meios de locomoção. Ainda faltariam muitos outros grupos a serem representados, mas não seria possível dado a quantidade de grupos e peculiaridades existentes neste meio de nômades e viajantes, mas esses já representam algumas destas formas atuais.

Além do mais, as entrevistas permitem compreender, interpretar dados, analisar experiências, vivências, ações sociais entre outros (MINAYO, 2010), permitindo assim a partir dessas vivências, experiências, construir o filme, proposta final desse trabalho. Utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturado, onde em um papo de cerca de 50 minutos, via aplicativos de reuniões online, os participantes abordam questões sobre o estilo de vida dos viajantes, viagens, pontos positivos e desafios encontrados nessa caminhada, conforme detalhado a seguir.

- História e motivações.
- Particularidades do estilo de viagem adotada (para os que viajam em Kombi, de mochilão, de dupla, sozinhos, outros).
- Como se definem, nômades, viajantes ou outros.
- Quais maneiras utilizam para viabilizar financeiramente as viagens.
- Como foi o período de pandemia para os viajantes.
- Parte positiva e negativa do estilo de vida.
- Planos futuros.

- Jornada de desenvolvimento pessoal.
- Produção de conteúdos e viagens.
- Filosofias paralelas: minimalismo, estar em movimento, outros.
- Como viajam, como é a “rotina” ou a falta dela.
- Se sentir em casa.
- Percepção de tempo.
- Nomadismo x turismo.
- Laços com as pessoas.
- Relacionamento amoroso.

À seguir descrevo um pouco do que foi conversado nessa pré-entrevista e o que foi compartilhado sobre as individualidades e pontos em comum de cada participante.

#### 5.4.1 Leandro Mariani

**Figura 3** - Leandro



Imagem: Instagram @euleandromariani

O primeiro entrevistado foi Leandro Mariani, um mineiro de 30 anos, engenheiro, que trabalhava de 15 a 16h diárias em um projeto estressante, e embora sentisse satisfação nesse trabalho, vivia um momento de pressão que não estava lhe fazendo bem.

Ao sair de férias, mesmo já tendo viajado para a Europa e feito intercâmbio nos Estados Unidos, se surpreendeu com as diversidades vistas no aeroporto de Dubai, com a receptividade do povo na Tailândia e Camboja, por exemplo, ainda mais por serem esses últimos, um povo que passa por muitas dificuldades socioeconômicas, contrariando seu pensamento de que felicidade significava trabalhar muito e ter muito dinheiro.

Nessa viagem conheceu muitos viajantes que gastavam pouco e ainda assim conseguiam ir a vários países, o que o fez, em sua volta ao Brasil, estudar sobre viajar barato, dedicando-se durante 3 anos ao planejamento e organização desse novo projeto.

Passou a trabalhar na Globo, no Rio de Janeiro, no emprego dos seus sonhos, com uma rotina mais tranquila, empresa reconhecida, salário bom, mas um mundo corporativo que ele já não estava mais disposto a viver, mas o fato de ser uma pessoa desorganizada financeiramente até então, o deixava inseguro quanto à possibilidade de viver viajando.

Não estava insatisfeito com o trabalho, gostava do que fazia, tinha qualidade de vida boa, mas o desejo de conhecer o mundo era maior do que estar em apenas um local para o resto da vida, então tomou a decisão de mudar tudo e hoje trabalha ajudando pessoas a fazerem o mesmo e não se arrepende de sua decisão.

Leandro destaca a importância do planejamento e da elaboração de um roteiro básico, pois pode haver muita diferença de custos entre países, e destaca também que é importante não ter medo de viajar sozinho e precisa gostar de conhecer pessoas.

Em suas andanças já passou pela Eslovênia, Holanda, Bélgica, Polônia, Irlanda, Inglaterra, Marrocos, Portugal, Espanha, Áustria, Islândia, Letônia, Rússia, Coréia do Sul e Tailândia, sendo que nesse último destino passou 1 ano e no momento da entrevista estava concluindo sua viagem planejada para 2 anos.

Porém, a pandemia mudou seus planos e a notícia de que as fronteiras seriam fechadas o fez repensar e a solução encontrada foi fazer quarentena na Tailândia, pegando um dos últimos voos para lá. Alugou uma mansão com mais 16 pessoas, por 2 meses, mas a alta do dólar se tornou um problema. Tinha aplicado seu dinheiro na bolsa de valores e essa despencou, o obrigando a decidir entre voltar para o Brasil e trabalhar como antes até juntar dinheiro novamente, já que o que tinha só garantia mais 2 meses de viagem, ou começar a trabalhar no digital. Então, mesmo

com o Brasil disponibilizando um voo de repatriação da Tailândia, de graça, ele resolveu ficar e trabalhar no digital.

Deixou para trás a viagem sabática e passou a trabalhar durante a viagem, ministrando cursos sobre viajar barato e sobre viajar trabalhando. Com isso têm algumas preocupações que antes não tinha, como horários, internet, reuniões, entre outras, mas sem deixar que isso tire o equilíbrio proposto, mantendo horários livres para aproveitar o país onde estiver.

Trabalhar online para Leandro significa ter liberdade geográfica pelo resto da vida, pois ele descobriu com essa possibilidade uma maneira de viver feliz, viajar mais devagar, equilibrando trabalho e viagens.

Leandro não sabe se definir entre nômade digital e viajante, diz ser um nômade viajante, porque tem um equilíbrio entre os dois mundos. Alerta que dependendo do nômade, pode haver um horário mais fixo e ter muita flexibilidade por ter um negócio próprio. Antes de começar a trabalhar no digital, uma das maneiras de viabilizar suas viagens era por meio do voluntariado.

Ele viabilizou sua viagem com recursos que juntou antes, e também economizando na viagem e trabalhando online e essa é uma diferença, segundo ele, entre viajar de férias e viajar como ele, fazendo imersões, trocando experiências, fazendo amizades, fazendo trabalhos voluntários, pegando carona, entre outras possibilidades.

Para ele, as pessoas e as trocas são a melhor parte da viagem e ao se permitir viajar barato, descobre-se que há mais pessoas boas do que ruins no mundo, contrariando o que nos é mostrado durante a vida inteira na TV. O sentimento de liberdade é um ponto chave nas viagens. No ano sabático foi a primeira vez que de fato ele se sentiu livre, foi quando pode ser ele mesmo e decidir com ele mesmo quais seriam seus passos. Com o trabalho online ele já precisa ter mais responsabilidades, e por mais que acredite ser um estilo de vida muito melhor do que ele levava no Brasil, ainda o priva um pouco dessa sensação de liberdade que já teve antes.

Leandro tem dificuldade de indicar um ponto negativo de estar viajando e diz que se preparou para a saudade da família e dos amigos, embora as despedidas nas viagens sejam difíceis. Para ele é algo frequente, mas sempre dói se despedir de alguém que você gostou muito e conheceu na viagem.

Já nos relacionamentos afetivos o ideal seria encontrar outra pessoa que estivesse em sintonia com esse desejo de viajar, mas que não é impossível conciliar

relacionamentos onde um dos dois não é nômade ou viajante. Para ele se for para acontecer algum relacionamento isso vai acontecer no momento certo.

Ele se diz muito satisfeito e feliz em estar na Tailândia durante a pandemia, pois lá foi mais tranquilo quando comparado a outros lugares do mundo. Acredita que é um destino incrível para se viajar, que é interessante saber um pouco de inglês, embora seja possível aprender durante as viagens, já que quando você precisa desenvolver uma habilidade por sobrevivência, isso acontece mais rápido. Apesar desses pontos positivos da Tailândia, ele já está pensando quais serão seus próximos voos.

#### 5.4.2 Lita Storm

**Figura 4** - Lita



Imagem: Instagram @litastorm

Cigana, 23 anos, filha de ciganos, Lila Storm já morou em barracas, viajou pela Bahia e pelo Brasil todo. Quando o pai faleceu, ela tinha 9 anos, e então veio com a mãe e a irmã morar em Brasília, onde ficou por 13 anos. Aos 20 anos começou a viajar por conta própria, sendo que antes disso já fazia viagens mais curtas, vendendo artesanato. Foi para a Chapada em 2016 sozinha, retornando no final de 2017. No

início de 2018 foi para Cabo Frio, Rio de Janeiro, e sua mãe, mesmo tendo o espírito viajante, ficou muito preocupada por causa da violência no Rio de Janeiro.

As lembranças das viagens na sua infância não são muito nítidas, mas foram o suficiente para despertar desde lá o lado nômade e cigano. Ela conta que no início das viagens era muito inocente, mas que aprendeu muito, “apanhou” muito, e quebrou a cara com muitas pessoas, em relação a confiar e ter mais cuidado para onde ir. A chave que virou foi de saber equilibrar a confiança e a desconfiança. Aprendeu a confiar desconfiando e isso gerou confiança nela.

Ela não planejava as coisas, deixava acontecer ou agia “na louca”, mas hoje se planeja muito, inclusive está se organizando para fazer uma viagem para fora do país. Tirou o passaporte, contrariando sua ideia anterior que era de não sair do país, pois queria conhecer bem o Brasil antes de sair.

Essa vontade de sair do país surgiu quando ao morar na Bahia em 2019, conheceu um Uruguaio com quem se relacionou por 1 ano e foi morar com ele no Rio de Janeiro, trabalhando num restaurante de um peruano, onde tinha contato com pessoas de várias nacionalidades, e assim aprendeu espanhol.

Trabalhou por muito tempo com artesanato de mandalas de lã, mas está dando um tempo nessa atividade de vendas e trocas de artesanato e voluntariados. Ela já queria trabalhar com arte e quando foi para a Bahia, fazia teatro, mas não sabia como ganhar a vida com isso. Aprendeu a ser bartender e começou a trabalhar com coquetelaria, vendo nessa atividade uma oportunidade para trabalhar em qualquer lugar de freelancer. Além disso, também faz cosmética natural, circo e música com o seu atual companheiro, se apresentando em vários lugares.

Ela é atriz, mas desde 2018 está envolvida com outras profissões e parou com o teatro, embora em sua última viagem tenha começado a se envolver com o circo, com a música, com a arte de rua, com palhaçaria e com montagem de espetáculos.

Ela se define como cigana, joga tarot, e sempre teve a viagem na veia e se define como pessoa livre, que gosta de viajar, nômade e apesar de não estar fisicamente com sua família de cigana, está sempre em contato e se identifica de maneira muito forte como cigana.

Aponta o conhecimento e o aprendizado como aspectos positivos de estar em movimento, e diz que mesmo os fatos ruins precisam ser vistos com um olhar positivo. Como aspectos negativos cita a questão da confiança, o passar perrengue, o não dar certo algo que se quer fazer, o não se identificar com a cidade que chega, a questão

da segurança, fazendo com que tudo isso seja ponderado. Ela narra que já passou por situações de perigo, mas que sua intuição e o conhecimento da mãe ao jogar tarô a livraram de determinadas situações, ajudando-a a se safar das situações ruins.

Atualmente ela e seu companheiro alugam casas nos lugares onde ficam, tendo um quarto alugado com várias coisas suas no Rio de Janeiro. Foram a passeio para a Bahia e por lá ficaram, alugando uma kitnet no Morro de São Paulo.

Com a pandemia, seus planos iniciais de ir para Espanha, viajar pela Europa, tiveram que ser adiados e novos planos tiveram que ser traçados. O lockdown tem interferido muito nas suas atividades que envolvem apresentação de rua, embora ainda esteja tranquilo em Morro de São Paulo, melhor que em Brasília onde não estava podendo vender seus artesanatos.

Tem vontade de produzir conteúdo para internet e já tem uma página chamada Circus Trip, no Instagram, onde mostram as viagens que fazem. Mas pretende movimentar mais as redes e tem muita vontade de continuar com isso, com pretensão de no futuro tornar essa atividade, uma fonte de renda.

Pretende continuar viajando, ter filhos e diz que isso não vai fazê-la parar de viajar, pois existem várias maneiras de viajar com crianças. É muito trabalhoso, mas ela vê muita mãe viajando com o filho e o filho já cresce com outra visão de mundo.

Lita Storm fala que faz diferença viajar só e viajar de casal, pois quando estava sozinha, sentia necessidade de redobrar a segurança, embora aproveite bastante estando sozinha. Já viajando em casal, tem alguém para dividir as ideias, alguém com quem contar. No momento prefere viajar com alguém, com um companheiro. Ela se sente mais segura e confiante em chegar em um lugar novo com um companheiro, um ajudando o outro.

### 5.4.3 No Caminho do Bem

**Figura 5** – Aline e Júnior



Imagem: Instagram @nocaminhodobem

No caminho do bem é o projeto da Aline Fukace, 32 anos e do Elizeu Júnior, 35 anos, um casal videomaker que viaja em sua Kombi 76. O casal não planejou começar esse estilo de vida, queriam inicialmente somente um carro para passear e ao ver uma Kombi passando pela rua pensaram que seria uma boa ideia comprá-la para passear com os amigos.

Depois descobriram a possibilidade de criar uma casa na Kombi e foram construindo por conta própria. Com isso passaram a fazer viagens curtas de férias ou final de semana porque na época tinham emprego fixo.

A primeira vez que viajaram de Kombi foram para a Chapada dos Veadeiros e lá conheceram outros viajantes que tinham vida nômade. No ano seguinte foram para a Bolívia, conheceram mais outras pessoas e perceberam que não era tão complicado quanto parecia e a partir daí descobriram que não queriam mais a vida de trabalho em escritório.



Percebido isso, Aline pediu desligamento da empresa em dezembro de 2017, saindo definitivamente da empresa em abril de 2018. Ela descreve a sensação de pedir demissão como intensa e confusa, pois sair da zona de conforto é difícil. Já Júnior diz que agora eles têm mais tempo livre e que o dinheiro sempre vem com o trabalho. A profissão do casal se integra ao estilo de vida e constantemente estão trabalhando, mas como gostam da profissão não reclamam.

Atualmente os dois trabalham com vídeos, tendo descoberto essa profissão na estrada. Apesar de a ideia inicial ter sido usarem o seguro desemprego para ficar um tempo sem trabalhar, após 2 meses já estavam cansados de não terem um trabalho. Aline que gostou sempre de artes e trabalhos manuais, passou a fazer um curso de crochê quando estava se desligando da empresa.

Trabalhavam com artesanato, bolsas de crochê e montaram uma lojinha na Kombi e embora tenha sido bom no início da viagem, sem alvará eles se encaixavam como ambulantes, nem sempre encontravam a matéria prima e essa profissão acabou ficando de lado. Com o tempo eles passaram a buscar algo que gerasse renda e tivesse um propósito mais forte para eles. O Júnior já tinha feito curso de fotografia, mas os dois pouco usavam a câmera.

Durante um passeio resolveram fazer um vídeo com o celular e acabaram se empolgando com a profissão e se prepararam para essa atividade por meio de vídeos, YouTube e chegaram a assistir aulas por 8 horas diárias. Após esse preparo, passaram a oferecer o serviço, primeiramente de graça, depois por permuta para os comércios da cidade onde estavam e foram fechando uma cartela de clientes que foi crescendo. Hoje eles veem vários pontos que podem melhorar tecnicamente nesses vídeos, mas foram produtos importantes para o crescimento como profissionais e para história dos dois.

Aline, que é formada em Marketing, está sempre fazendo produção de conteúdo, prospecção de clientes, estratégias de marketing, mas também faz vídeos para os vlogs ou alguns outros produtos, e se identifica mais com a parte dos bastidores. O Júnior já fica mais responsável pelo trabalho de videomaker. Ambos se questionam se são nômades digitais já que não trabalham exclusivamente com internet, pois vão fisicamente para o local de trabalho, embora o conteúdo vá para o digital e o contato seja online. Mas os dois também gostam de se denominar como viajantes profissionais ou videomaker viajantes.

Para eles o que os difere de serem apenas videomakers é que eles atrelam muito as viagens às produções de vídeo. Muitas vezes eles trabalham como uma produtora, mas a maior parte do tempo eles trabalham com produção de conteúdo com videomaker, escolhendo trabalhar com nichos possíveis de serem aproveitados depois. Inclusive, esse aspecto é um diferencial deles ao chegarem a uma nova cidade, pois além de estarem competindo com uma oferta local, podem também oferecer uma produção diferenciada para possíveis clientes que não têm acesso a videomakers no seu local.

Os só viajantes oferecem apenas audiência, enquanto, que no caso de No Caminho do Bem, eles podem oferecer um serviço de qualidade, entregando para o cliente o produto final e não apenas publicando nas redes do No Caminho do Bem. Se antes se espelhavam muito em viajantes, hoje percebem a dificuldade que é crescer nas redes sociais. Aline acha que não é muito efetivo oferecer apenas audiência, pois para obter resultados concretos é necessário ter uma audiência muito grande, já que esse é um público muito diluído por todo o Brasil, o que funciona bem para agências de turismo, mas para pequenos negócios é mais difícil.

O casal entende que o melhor é já chegar ao destino com clientes definidos, mas isso depende muito do que vão oferecer, pois se oferecem produção de conteúdo com a imagem deles e mais a produção de vídeos, há necessidade de um pouco mais de planejamento. Se a captação do cliente só acontece quando já estão no local, pode haver demora na resposta, mas já com trabalhos mais rápidos como vídeos institucionais é mais fácil de esperar chegar no destino e ir presencialmente oferecer o produto.

Hoje toda a renda do casal vem da produção de vídeo e conteúdo. No vídeo o retorno financeiro é maior do que com o artesanato, por exemplo, garantindo mais segurança financeira. Eles também podem trabalhar muito em um mês e em outro estar mais tranquilo, tudo isso depois de muitos trabalhos e investimentos em equipamentos. Eles se consideram uma produtora itinerante.

Com o digital, por meio do YouTube, eles passaram a ensinar as pessoas a viajarem e fazerem vídeos, recebendo com isso vários pedidos para lançarem um curso, e atendendo a esses pedidos estão atualmente gravando já há 8 meses um curso digital. Lançaram recentemente um ebook sobre 10 passos para se tornar videomaker ao perceberem que muitas pessoas querem viajar e não sabem como, e fazer vídeo, para eles, é uma maneira muito recompensadora de estar em movimento.

A produção de vídeos abre portas em muitas cidades turísticas que têm passeios e oportunidades pagas caras, sendo possível trocar passeios por permuta ou ainda sendo possível cobrar para fazer o passeio.

A abordagem nas agências de turismo envolve a demonstração de quanto o vídeo bem produzido de alguém que está no passeio ajuda a divulgar o negócio, pois embora já existam belas fotos de passeios, ainda há carência de bons vídeos. Eles também trabalham com hotelaria, turismo e gastronomia, sendo que nos restaurantes é mais fácil fechar contratos porque oferecem o serviço como produtora e são especializados no B-roll.

A pandemia os forçou a darem uma parada, e esse momento tem sido mais produtivo no sentido criativo. Alugaram um airbnb em São Luís no Maranhão e aproveitaram a casa para montar cenários e produzir muito conteúdo para aproveitar o tempo que estavam parados, aproveitando que estavam com novos equipamentos que ajudaram a impulsionar a produção de vídeos, dando um salto de qualidade. Nessa onda criativa produziram vídeos de delivery para restaurantes. O crescimento e a conquista de novos equipamentos vieram aos poucos. Com a utilização da plataforma YouTube passaram a entendê-la melhor, voltaram para São Paulo ainda trabalhando com produção de conteúdo e aulas, indo em seguida para a Praia do Rosa, voltando a viajar e desenvolvendo novos trabalhos. Apesar de já terem trabalhado em voluntariado, essa não é uma prática comum ao casal.

Para Aline o ponto positivo em viajar é ser autossuficiente, as possibilidades e os mundos se abrem mais e as chances de fazer coisas diferentes são maiores e então você se sente mais liberto do medo. Para Júnior, o melhor é a liberdade de tempo já que não ficam reféns do tempo imposto por uma empresa. Antes eles ganhavam mais, trabalhavam menos, mas hoje são mais felizes e têm mais tempo para curtir e escolher como gerenciar esse tempo. Para eles, os desafios não são fáceis e tem várias inseguranças, mas o principal continua sendo o autoconhecimento. Como ponto negativo apontam a falta da rotina e da família, embora já administrem bem essas questões com o passar do tempo.

Para o futuro pensam em ter um local de apoio, um local para ficarem, terem filhos, no mínimo com um banheiro disponível. Estar viajando muda a percepção de tempo, no momento estão focados no presente e acreditam que no futuro tudo dará certo, embora seja tudo muito incerto.

Ambos se consideram diferentes de antes de iniciarem as viagens. Júnior tinha mais medo do futuro e uma relação diferente com o dinheiro e com a segurança. Sentem-se libertos em relação às pessoas que vão conhecendo nas viagens, sem terem que agradá-las, embora seja possível criar laços fortes. A família sente medo, embora já esteja mais acostumada com a ideia. Aline acha que a entrega é maior quando se sabe que o encontro é provisório, criando laços duradouros.

Pretendem continuar viajando na Kombi, mesmo com algumas limitações, com esperanças na área de audiovisual, investindo cada vez mais no digital e motivados pelos *feedbacks* de transformação. Descobriram que sendo nômades, gastam menos dinheiro, além de terem mais liberdade.

#### 5.4.4 Hanna Guimarães

**Figura 6 – Hanna**



Imagem: Instagram @hannapguimaraes

Hanna Guimarães, 25 anos, se considera nômade digital e vê diferença entre viajar trabalhando como voluntária em hostel e trabalhar em casa em troca de casa e comida. Suas viagens começaram assim, mas depois passou a trabalhar em um

trabalho fixo, digital, online, parando assim de prestar serviços em hostel, de pegar carona, passando a pagar as coisas com o dinheiro resultante do seu trabalho.

Começou a viajar com as mochilas, saiu de casa sem data para voltar em janeiro de 2020, indo para Pipa motivada pela ideia de que fez jornalismo para viajar, para ser correspondente, porém percebeu que a vida de redação não era para ela, mas viajar sim. Então ela mudou os planos para continuar viajando, mas sem ser através da formação em jornalismo.

Em Pipa trabalhou de garçoneiro, lojista, de bartender, trocou serviço de limpeza por hospedagem e fez serviço de fotografia e social media. Logo depois começou a trabalhar como freelancer e parou de fazer trocas, mas aprendendo, crescendo, evoluindo, se movimentando sempre para se sentir viva.

Já teve uma vida caseira dos 7 aos 14 anos, quando seu pai se mudou de Brasília e a responsabilidade pela sua criação ficou sob os cuidados de sua mãe. Às vezes fugia de casa, da sensação de que ficar em casa era insuportável. Nessas escapadas ia a festas, a atividades com escoteiros no mato e assim essa vontade de viajar foi crescendo. E por um bom tempo ela teve a sensação de que ela estava fugindo da sua casa, dos problemas e da realidade, viajar para ela por muito tempo teve esse significado de fugir um pouco de si mesma, poder ser outra pessoa, fazer coisas diferentes e novas, sair da rotina maçante.

Esse conceito mudou para ela quando em uma viagem em 2017 para o Espírito Santo deu tudo errado, chegando até a morar em um motel e quase ser presa. Nesse momento ela teve uma conversa consigo mesma em uma reserva ambiental, contemplando a natureza e parou para entender porque ela estava viajando, e quando ela voltou para casa, começou a trabalhar os próprios problemas com acompanhamento psicológico porque não queria ser uma pessoa que estava sempre fugindo dos problemas. Entretanto, a vontade de viajar permaneceu e ela entendeu que esse movimento faz parte dela, não era questão de trauma, mas uma questão de ter uma alma livre, cigana.

Se sentir em casa é um tema relativo para a Hanna que se sente mais confortável quanto está em movimento. Alguns lugares são mais fáceis de morar, pois ela não gosta da sensação de que está incomodando, atrapalhando a rotina de outra pessoa, não gosta de lugares muito pequenos, de pessoas muito cheia de regras ou muito desorganizadas e com o passar do tempo vai aprendendo escolher mais os lugares que lhe traz mais conforto.

Quando respondeu à entrevista estava na casa de um primo, vindo da casa de uma amiga onde estava na viagem anterior. Preza estar na casa de pessoas que confia, que se sente bem em estar com elas, se sentindo à vontade ou tendo um espaço privado para deixar suas coisas, num lugar exclusivo para ela. Lida bem com a saudade que é sentida de maneira diferente por ela e não precisa estar fisicamente com a pessoa. A sensação de liberdade, de poder estar onde quiser e ir embora quando quiser, a sensação de autocontrole é mais significativa que qualquer coisa. Quando ela sente que não está no controle da própria vida ela já começa a ficar incomodada.

Hanna diz que o sentimento mais negativo de estar em movimento é a insegurança e não se sentir em casa em um lugar que esteja morando. Em alguns momentos o que precisa é apenas se sentir segura e tranquila e nem sempre é possível se sentir assim. Quando os planos dão errados também se torna um ponto negativo, por exemplo, quando ela marcou uma carona de madrugada e sem motivo a carona desmarcou, levando-a a viajar de carona num caminhão, tendo que se submeter a ficar esperando dentro de um banheiro num posto, por ser mulher, e a conselho do frentista que achou que ela poderia ser assediada ao ficar no local com tantos homens, embora ela não concorde que as mulheres que viajam sozinhas tenham que saber se defender, pois entende que inicialmente, é o homem quem está errado e as mulheres não devem ser impedidas de seguirem seus sonhos.

Hannah leva muito equipamentos, uma mochila pesada apenas com instrumentos de trabalho e mesmo assim nunca quis comprar uma mala porque para ela a graça é estar com um mochilão que lhe traz o espírito de aventureira que ela gosta de cultivar, embora entenda que cada um sabe o estilo de viagem que gosta e tem uma motivação diferente. Para ela, quanto mais simples e menos recursos tiver necessidade para sobreviver, melhor e entende que é por isso que muita gente começa a viajar como hippy, com estilo de vida mais simples, mais fácil para se mudar de um lugar para o outro sem muitos esforços.

Ao sair de Brasília, o plano inicial era conhecer todas as cidades do mundo, por isso tinha pressa para conhecer muito rapidamente os lugares e passar para o próximo destino. Porém, com a pandemia ela entendeu que não daria tempo, mesmo que ela corresse muito e fizesse tudo que estivesse ao seu alcance, e se desse, conhecer tudo com pressa não valeria a pena. Entendeu que o legal é viver o momento, sentir o coração vibrar mais forte ao pensar num determinado destino.

Ela diz que as experiências são mais importantes que bater ponto e quando você muda essa mentalidade percebe que é mais importante fazer a passagem ter um significado do que conhecer o lugar superficialmente ou só para registrar uma foto no Instagram.

Segundo ela, as relações entre viajantes que se encontram, mesmo que por um curto espaço de tempo, podem ser muito significativas e juntar os caminhos e viver com uma pessoa é tão profundo quanto aceitar que cada um tem seu caminho e sua liberdade.

Hanna é sócia de uma agência de marketing digital, há 5 anos, trabalha com marketing interno e é sócia também de uma holding de entretenimento geek e gaming, trabalhando como gestora de conteúdo, analisando a qualidade do conteúdo e a produção interna, ambas startups. Tem dispendido bastante energia nos 2 projetos e faz tudo pelo notebook em qualquer lugar com internet.

Hanna não planeja quanto tempo passará viajando, quer só a experiência de viver de várias maneiras, quer ganhar mais conhecimento e testar na prática o que realmente quer. A experiência com a pandemia, por exemplo, foi única. Ficou 2 meses de quarentena, em Pipa, acompanhando as questões políticas e isolada, até ter que se mudar do hostel e ir para a casa de um DJ que fazia muitas festas, obrigando-a novamente a se mudar por não ter como se cuidar lá. Sem ter como pagar outro aluguel, continuou sua viagem mesmo com a pandemia. Ela entende que o lockdown não é uma medida eficiente porque o governo não tem uma medida organizada.

#### 5.4.5 Vida Mochileira

**Figura 7 – Mary**



Imagem: Instagram @vidamochileira

Mary Teles, 30 anos é a criadora do Vida Mochileira, projeto que produz conteúdo para diversas plataformas e dá cursos digitais. Em 2021 Mary fez um intercâmbio para a Ilha de Madeira pelo programa Ciências Sem Fronteiras, estudando Publicidade e Comunicação, ganhando um auxílio para custear despesas, com liberdade para administrar esse dinheiro de modo que conseguiu economizar o bastante para viajar pela Europa, aproveitando que já estava no continente para conhecer o máximo possível de outros lugares, coisas.

Anteriormente ela já tinha feito uma viagem internacional, em 2011, num intercâmbio de trabalho de 2 meses nos Estados Unidos na Universal Estúdios, mas a viagem para a Europa foi determinante para ela nesse processo de descoberta. Como os amigos não toparam viajar, ela foi sozinha por 33 dias pela Europa.

Ao voltar dessa viagem ela percebeu o valor de conhecer novas pessoas e juntamente com a experiência do intercâmbio cultural ficou fascinada. Então ela começou a fazer várias outras viagens pela Espanha, Alemanha, Holanda, Marrocos,



Inglaterra, Edimburgo, Dublin, e não parou mais. Todo o dinheiro que ela ganhava era para fazer viagens.

Ao final do intercâmbio, em 2013, ela voltou para o Brasil, concluiu o curso em 2014 e logo começou o processo para conseguir cidadania de Portugal, por ter descendência portuguesa dos seus avós. Em 2015 ficou viajando pelo Brasil e ainda nesse ano conseguiu a cidadania e foi para a Inglaterra, onde conciliou os estudos com o trabalho de babá, bartender e outros e com o dinheiro que ganhava planejava novas viagens. De lá foi para a Turquia e Grécia. De volta ao Brasil trabalhou nas olimpíadas em 2016, e depois fez um mochilão na América do sul que durou 23 dias entre Bolívia, Chile e Peru, voltando em seguida para a Inglaterra, só com passagem de ida.

No mochilão da América Latina ela percebeu uma lacuna que existia na produção de conteúdo, principalmente nos conteúdos feitos para mulheres que viajavam sozinhas ou com amigas e não se sentiam seguras. Ela começou a relatar toda a viagem, como um diário e postou no site Mochileiros.com, sendo um dos posts mais lidos no ano, motivando-a a criar um blog e escrever todas as viagens que já tinha feito anteriormente e todas as próximas viagens passaram a ser relatados em forma de diário.

O Instagram nasceu como Mary Pelo Mundo, em 2015 e o blog Vida Mochileira, em 2016 (o Instagram passou a ter o mesmo nome depois) e o Youtube Vida Mochileira, em 2017, embora tenha ficado em dúvida se começaria, pela demanda necessária de tempo. Durante as viagens ela não gosta de ficar pensando na narrativa, produção de imagens, e nem gosta de “perder” tempo para falar para a câmera e outros. Hoje os vídeos dela são muito mais em formato de ligar e falar para a câmera do que fazendo Vlog do dia a dia, porque isso tira a essências de suas viagens.

A preocupação de Mary com a produção de conteúdo impactava na forma como ela fazia as viagens, interferindo na sua vida pessoal, pois até na sua lua de mel ela teve que se preocupar com a produção de conteúdo. Em 2020 ela começou a refletir muito sobre o Slowblogging, que é quando você vive tudo e só depois compartilha. A reflexão da Mary sobre consumir em tempo real ou depois, é porque em tempo real tudo acaba virando conteúdo, mas, ao mesmo tempo, você não consegue fazer um filtro do que realmente é interessante ser compartilhado e se questiona se tem valor de fato compartilhar tudo.

O período da pandemia a fez refletir muito sobre isso, pois em sua cidade, na Inglaterra, apesar de ter uma boa mobilidade interna, não conseguiu mais viajar para outras cidades ou países. Ao mesmo tempo, por questões éticas e morais, ela não se sentiu confortável em fazer conteúdo de viagens sem pensar em seu público brasileiro que vivia a pandemia muito intensamente. Foi um período difícil. Sem viajar, com o marido em casa todos os dias, sem previsão de quando as fronteiras abririam, embora tenha usado esse tempo para refletir, fazer cursos de respiração, meditação e leituras.

O Instagram começou a acentuar sua ansiedade, porque mesmo com a pandemia, outras contas continuavam a compartilhar conteúdo de viagens e ela se sentia para trás. Ela não se sentia inspirada e não podia mais inspirar outras pessoas, assim resolveu sair do Instagram e alguns questionamentos passaram a ser não só dela mesma como criadora de conteúdo e sim dela como pessoa.

Mary nos recorda que o Instagram é só uma plataforma dentre várias e que os resultados de um post não são os mais importantes, além de que essa postagem de tudo tira um pouco da espontaneidade e cria um compromisso de postar tudo que acha que vai dar like. Ela gosta de escrever reflexões sobre fatos ocorridos nas viagens, gosta de compartilhar experiências e aprendizados, mas sabe que o retorno é menor do que o de dar dicas curtas de viagens. Passou a refletir que preferia compartilhar o que era mais importante para ela do que o que poderia ter mais número. Percebeu que nunca se sabe exatamente o que o outro está esperando e assim passa-se a fazer mais do mesmo, correndo risco de ficar mais frustrado.

Apesar disso Mary não saiu de outros canais porque não queria perder a conexão que criou com várias pessoas da sua comunidade. Ela sente que já conhece várias das pessoas que as acompanham e que compartilhar o que ela está vivendo pode inspirar outras pessoas e ajudá-las de alguma maneira. Até a decisão de sair de Instagram, que ela também publicou no Youtube, acabou trazendo reflexões positivas para os seus seguidores.

Para ela o Youtube é uma plataforma que funciona bem, assim como o blog, pois ela gosta de falar sobre diversos temas. Seu grande problema com o Instagram é o algoritmo e a necessidade de sempre estar se comparando com o outro. No Youtube, por ser uma plataforma de busca, é mais fácil que pessoas interessadas no seu conteúdo cheguem até você. No Instagram é tudo momentâneo e se perde com o tempo. Mary ainda não tem uma previsão de quando pretende voltar para o Instagram, talvez quando retornar às viagens.

Mary conta que seu marido já sabia desde o início do relacionamento, em 2015, que ela gostava de viajar e no início do namoro, em 2016, passaram 7 meses namorando à distância. Ela acharia ótimo ter a companhia dele, mas o fato de ele não ir não a impede de viajar, até porque ela acredita que deixar de fazer algo pelo outro acumula e depois pode ter cobrança. A distância e a despedida os fazem ficar tristes e saudosos, mas entendem a escolha do outro e que isso é o que vai fazer cada um crescer. O marido da Mary tem muita preocupação com a segurança dela, por ela ir em todas as experiências, viagens, caronas, porém sempre a apoia. Ela desde o início explicou bem seu amor por viagens e entende que um tentar impedir o outro de algo não daria certo no relacionamento e assim já estão juntos há 6 anos.

Mary ama viajar, mas também ama voltar para seu lugar depois. A produtora de conteúdo ama ter um ponto fixo e ter estabilidade. Atualmente se sente em casa quando está na Inglaterra, com seu marido que mora lá. Com a pandemia ela voltou às pressas do Brasil para lá, e atualmente economiza o dinheiro que ganha cuidando de idosos e já planeja trabalhar também como garçoneiro.

As amizades que Mary fez lhe dão muito orgulho, pois são amizades feitas desde a primeira viagem, ainda em 2011, e que lhe ajudaram muito a seguir o caminho que ela está trilhando hoje. Ela diz que tem refletido muito sobre o futuro e pensa que o caminho será através do slowblogging, viver e registrar, mas compartilhar apenas depois, pois dessa forma é possível refletir mais sobre o que quer realmente compartilhar. Até porque um stories, mesmo que dure só 15 segundos, para produzi-lo e compartilhá-lo demora mais tempo.

Outra pretensão é viajar por mais tempo em cada lugar e não fazer mochilões passando rapidamente por vários países, como fazia antes da pandemia. Porém, como ela não se sente nômade, tem que conciliar o tempo livre com as atividades que desenvolve como produtora de conteúdo e mochileira.

## 5.5 CRONOGRAMA

Para a construção do cronograma o filme foi dividido em seis etapas: trabalho de conclusão de curso, seguimento da pesquisa e roteiro, captação de recursos, filmagens e viagens, edição, presença digital, participação em festivais e distribuição.

Como citado anteriormente, a pandemia do Coronavírus alterou a liberdade de locomoção pelo mundo e ainda não temos previsões de quando as coisas irão

normalizar. Logo, este cronograma conta com o ano de 2021 para pesquisa e roteiro na esperança que a partir do ano de 2022 já possamos voltar a uma circulação mais livre e a possibilidade das gravações. Naturalmente, por ser um documentário e ainda mais um documentário de viagens sem roteiros fechados, o cronograma poderá sofrer algumas alterações, principalmente em relação ao roteiro das viagens e gravações.

**Figura 8 - Cronograma**

	JAN. - MAIO 2021	MAIO - DEZ 2021	JAN. - ABRIL 2022	MAIO - AGO. 2022	SET. - DEZ. 2022	JAN. - JUN. <u>2023</u>	A PARTIR DE JUL 2023
TCC							
PESQUISA E ROTEIRO							
CAPTAÇÃO DE RECURSOS							
FILMAGENS							
EDIÇÃO							
MÍDIAS SOCIAIS							
PARTICIPAÇÃO EM FESTIVAIS							
DISTRIBUIÇÃO							

VIAGEM 1	VIAGEM 2	VIAGEM 3
----------	----------	----------

Imagem: Isis Aisha

A parte de filmagens está dividida em três partes, pois as gravações serão feitas em três viagens principais, possivelmente uma em cada país. A proposta é passar 4 meses em cada país no ano de 2022. Por exemplo, entre janeiro e abril de 2022, no Peru, entre maio e agosto, na Tailândia e entre setembro a dezembro, no Brasil. Logo após as filmagens, durante 6 meses serão feitas a montagem e edição do filme. Desde o início das filmagens o trabalho de presença digital começará. Será feito uma página no Instagram para acompanhar a produção e continuar ativa até a distribuição do documentário. Assim que o filme estiver pronto, a partir de julho, o documentário começará a ser inscrito em festivais e iniciaremos o planejamento para distribuição, após a participação nestes festivais.

## 5.6 EQUIPE

Além da minha participação, algumas pessoas já estão confirmadas para formar a equipe do documentário *Em Movimento*. Os profissionais ocuparão as funções de: produção executiva, som, edição e eu estarei até o presente momento, trabalhando como diretora, roteirista e diretora de fotografia. No momento a produtora executiva já deu início a seu trabalho no sentido de captação de recursos. Abaixo coloco o meu currículo e dos outros membros da equipe.

Direção, roteiro e direção de fotografia: Isis Aisha, formada em Comunicação Social, Jornalismo, na Universidade de Brasília e formanda de Audiovisual na mesma instituição. É diretora da web-série *Batalha, mina* (2017) sobre as mulheres que participam e organizam batalhas de rap no Distrito Federal e entorno. Trabalha como videomaker com experiência nas áreas de roteiro, direção de fotografia, edição e animação. Editou o longa produzido pela UnB TV intitulado *Sem hora para chegar, a busca pelo parto humanizado no DF* (2016) e foi diretora de fotografia dos curtas *Pilotis* (2017) com recursos da TV Futura, Digital (2017), e *Reality Show* (2016). Além do currículo no audiovisual, é apaixonada por viagens e passou o ano de 2019 viajando para países como Uruguai, México, Argentina e alguns estados dentro do Brasil.

Produção Executiva: Heloísa Schons, estudante de Audiovisual na Universidade de Brasília (UnB), atua como produtora e fotógrafa still em curtas universitários. Foi Diretora de Projetos na Pupila Audiovisual entre 2018 e 2019, além de participar das edições da SiNUS 2017 a 2019 como diretora do departamento Audiovisual. Dirigiu a produção de produtos audiovisuais como *Dupla Face* (2019), *Circo Volant* (2018), *Histórias de Crodel* (2018) e *Khandroma* (2018), selecionado pelos festivais InShort e Lift-Off Sessions. Hoje é Produtora Assistente na Moveo Filmes.

Diretor de som e diretor de pós produção sonora: Maurício Caetano, um produtor musical e engenheiro de áudio que atua nas diversas áreas do áudio, fazendo um trabalho bem versátil tanto na produção musical quanto no mercado artístico. Sua carreira começou sendo assistente do Engenheiro de mixagem norte americano Victor Rice que o convidou para fazer um programa de youtube chamado Jam Lab. Sua parceria não parou aí. Em 2015 Cris Scabello, Guitarrista do Bixiga70, o convidou para integrar ao time do Estúdio Traquitana ao lado do produtor Décio7 e a banda. Ao longo

dos anos, Maurício tem se destacado fazendo Live PA para algumas bandas, como, André Sampaio, Francisco El Hombre, Bixiga70, Ekena, Markeline (Companhia de Teatro de Basco da Espanha, 4 Pesos de Propina (Uruguai), Cabezas Rojas (Chile), entre outros. Em 2017 em parceria com Eliza Kapai, Maurício fez direção de narração do Documentário Espero Sua (Re)volta.

Entre 2018 a 2020 Maurício gravou dois discos lançados pelo selo Sesc. O primeiro foi o terceiro disco de Mateus Aleluia, um dos integrantes de um dos primeiros projetos de pesquisas de músicas afro-brasileiras. O segundo disco assina como Co-produção ao lado de Decio7 no disco *Acorda Amor*. Um projeto idealizado por Roberta Martinelli e Decio7 onde tem um encontro de 5 cantoras, Liniker, Luedji Luna, Maria Gadú, Xênia França e Letrux. Também fez parte da produção do Show Boca de Lobo (Criolo) e gravou a música de uma parceria entre Luiza Lian e Bixiga70. Em 2020 Maurício mudou um pouco seu trajeto, partindo para técnico de lives e mixador de shows online, onde fez grandes trabalhos como Linn da Quebrada, Josyara, Lurdez da Luz, Bixiga70 part Tulipa Ruiz e Rincon Sapiência, Renata Rosa, entre outros. Hoje em dia continua atuando como Técnico de PA, Produtor musical, engenheiro de mixagem e diretor musical do projeto Odara Medit.

Edição: Giovanna Altoe, publicitário, músico, produtor cultural, formado pela Instituição de Ensino Superior de Brasília (IESB), editor de vídeo nas produções de curta e longa metragem em obras visuais artísticas com a ideia de projeções urbanas. Participou em projetos de curtas como “Ninguém tá vendo, mas eu tô”, “Intervalo” com parceria de Luciellen Castro e no curta metragem “Atua Brasília” com a participação de Raiane Sena, produção de arte com a banda Virada Cuca, como clipes e produções musicais. Outro projeto atuante é o de discotecagem chamado Matula, arte e música urbana. Foi Arte-educador no Centro Cultural do Banco do Brasil (2017 – 2018) trabalhando com atendimento ao público em visitas mediadas; fazendo relatórios semanais de atendimento; produção de atividades; realizando oficinas de músicas com o grupo “Musicando”.

## 5.7 ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO

A produtora do documentário *Em movimento*, Heloísa Sonchs, preparou uma estratégia de produção que segue no seguinte texto: o projeto documentário “Em Movimento” tem o objetivo de ser um documentário que se funde com a vida da

documentarista, Isis Aisha, o que torna o produto de longo prazo. Com isso em mente, foi elaborado um plano de estratégias de produção para realização da produção do documentário em conjunto com a vida nômade da diretora.

Separamos as estratégias em 3 possibilidades iniciais para a produção do Documentário, na fase inicial que estamos atualmente:

1. Fundos para Desenvolvimento e Roteiro de Documentário
2. Laboratórios para Desenvolvimento de Roteiro/Projeto
3. Estratégias de marketing para um financiamento recorrente

Em relação aos pontos 1 e 2, procuramos editais para financiar o desenvolvimento do filme, editais e laboratórios para assim explorarmos mais a escrita do roteiro e construção de um filme sólido e bem planejado desde o início da sua pesquisa. Além da possibilidade de participar de Laboratórios em outras cidades e países, o que pode contribuir muito com as viagens em si e essa busca para sua realização. Alguns desses laboratórios são o Residência Lab, no interior de São Paulo, ou até o Produire au Sud e o Jerusalém Lab.

Alguns dos editais e fundos analisados para a produção do documentário foram: Ford Foundation, Alter-ciné Documentary Film Grants, The Miller, The Future of Film is Female e a possibilidade de entrar com o filme no FAC Audiovisual, já que é um edital do DF, onde o projeto está nascendo e poderá se desenvolver.

Os fundos para desenvolvimento servem para gerar caixa para pagar o desenvolvimento, pesquisa e produção de roteiro audiovisual, como o Ford Foundation e o The Miller. Esses fundos servem de apoio para cineastas e cada um tem uma perspectiva diferente, os mencionados são exclusivos para documentários e desejam promover em diversos países, como no Brasil.

Outro meio de obter renda para a produção do documentário é por meio de editais de audiovisual, como o próprio FAC Audiovisual de Brasília, Fundo Setorial do Audiovisual (FSA) e fundos internacionais, como o The Future of Film is Female e o Alter-ciné Documentary Film Grants.

Por fim, vamos aplicar diversos tipos de financiamento para a manutenção das viagens da documentarista e da continuidade do projeto “Em Movimento” e acreditamos na proposta da construção de uma comunidade, criando uma base de fãs, apreciadores e apoiadores do projeto, acompanhando cada uma das fases do projeto.

O estilo de vida de nômades digitais está em voga e tem se tornado cada vez mais conhecido, tanto devido à pandemia do COVID-19, que forçou cada vez mais as pessoas aderirem o ideal de home office (ou sem home fixo, não é mesmo?), até o filme vencedor do Oscar de 2021, *Nomadland*, dirigido pela Chloè Zhao. E é uma ótima oportunidade de enganchar projetos independentes que visam mostrar mais facetas desse estilo de vida.

Portanto, como o nomadismo é um estilo de vida em comunidade, onde as pessoas se encontram e se reencontram em diversos lugares e espaços, elaboramos algumas estratégias de marketing para planejar e perpetuar o movimento do documentário e perpetuar o seu ideal nas redes sociais. Buscamos como objetivo o crescimento do senso de comunidade e a perpetuação das viagens da diretora e documentarista.

Essas estratégias são múltiplas, como: a criação de um site para o filme e uma *newsletter* quinzenal para compartilhar o dia a dia do projeto “Em Movimento”, a alimentação das redes sociais e YouTube da diretora do filme.

O orçamento será dividido em: 70% para a diretora e documentarista, 20% para o projeto e 10% para a produtora. Nesse início, utilizaremos plataformas gratuitas para a produção dos conteúdos, como Instagram, agregadores de podcast gratuitos, YouTube e e-mail.

As fontes de renda para o projeto serão múltiplas para poder garantir uma maior estabilidade, como foram mencionadas anteriormente. Os conteúdos serão exclusivos para cada plataforma, em razão de diversificar nossa comunidade e fortalecer o ideal do projeto. O conteúdo e o planejamento estratégico dessas redes e do financiamento serão sempre revisados e otimizados para garantir que o projeto atinja seu objetivo: a produção de um documentário. Aliadas ao marketing, o projeto “Em Movimento” pode crescer em barreiras que o documentário em si será apenas o primeiro passo.

## 5.8 TEASER

O *teaser* produzido pretende traduzir um pouco do que futuramente será o documentário *Em Movimento*. Com cerca de dois minutos de vídeo, o produto conta com imagens que foram captadas principalmente a partir do meu retorno para Montevideú no dia 1 de abril de 2021. Existem apenas três imagens selecionadas que



foram captadas antes, uma foi na Praia de Caueiras, litoral sul de Sergipe e as outras duas foram no Rio São Francisco, entre Alagoas e Sergipe, na Barragem do Xingó. Dessas imagens da barragem, uma foi feita com drone e a segunda uma imagem captada em um passeio de barco rumo a Grota dos Angicos, onde morreram Lampião, Maria Bonita e outros cangaceiros. Esse lugar me comove por suas águas extensas, por fazer parte da história brasileira em diversas camadas e por meu avô, que não tive a oportunidade de conhecer, levar o mesmo nome.

As imagens foram captadas quase sempre por mim com a câmera a6600 com uma lente 35mm, uma GoPro Hero 8 e um Mavic Mini 1. Os vídeos em que apareço caminhando por Montevideú e o close do meu rosto foram gravadas com minha câmera por Marcos Daniluk, fotografo e tatuador argentino. O conheci no hostel Charruas onde moro atualmente, em Montevideú, no local fazemos trabalho voluntário em troca de hospedagem.

O texto que guia o *teaser* foi escrito ao menos 4 versões, e coloco aqui o texto final escolhido. Ao gravar, pequenos trechos foram adaptados e no momento da montagem ainda cortei alguns trechos para torná-lo mais fluído no vídeo. O áudio gravei com o gravador zoom H4N.

## Figura 9 – Texto guia

### Imagem: Isis Aisha

Antes mesmo de eu escolher ser, me movi.  
 Apenas mais uma criança nordestina que chega de ônibus na capital. Pouco me lembro de algo. Trocava de casa, andava na garupa da moto, habitava mundos distantes.

Agora estou aqui, estrangeira outra vez, por escolha própria. 12 anos depois eu que busco o movimento.

Um dia eu dormi, peguei a estrada e cheguei em outra cidade.  
 Quando eu percebi já estava lá.  
 Outra vez eu fui longe mas cheguei na esquina do lado.  
 Eu estava perdida.  
 E sonhando.

Acordei e percebi que já era hora de partir.  
 Começar novamente de onde parei.  
 Eu tenho um forte motivo, ou uma desculpa convincente.  
 Voltei e já sei que não quero ficar.

Ano passado eu estava aqui.  
 Eu e o mundo mudamos de planos.  
 Um ano de espera.  
 Questionamentos.  
 Sentimentos a flor da pele.

O mundo ainda não restabeleceu seus planos. Eu também não. Se é que algum dia já tivemos.

Mas meu sonho me mostrou que eu preciso me perder. Conhecer a outra que existe em mim e eu nunca consegui ver.  
 Quem ousa entender a mente dos que não querem parar?

Escolhi não utilizar trilhas e utilizar sons captados pela própria câmera ou trechos de banco de sons, como por exemplo, o barulho de mar e de pássaros. Esta escolha foi tomada por priorizar a sensação sonora que teríamos caso estivéssemos na natureza, na cidade, ou em movimento. O áudio utilizado no *teaser*, onde uma repórter fala em espanhol a quantidade de mortos por Covid no Uruguai foi captada no dia 28 de abril de 2021, estava gravando umas imagens de televisão em um hotel que estava hospedada e justo nesse momento captei esse áudio que acredito ambientar o contexto atual do Coronavírus no país.

Entrevistei Kanoco Yamachin, já citado anteriormente no tópico personagem, com o intuito de inclui-lo no *teaser* do filme. Depois de várias conversas em que pude conhecer sua história um pouco mais a fundo decidi gravar uma entrevista. No dia 1 de maio andamos pela cidade e encontramos um lugar um pouco mais tranquilo para conversar e gravar. Ele me contou um pouco da sua trajetória e o conteúdo foi muito rico, porém, ao construir a estrutura do *teaser* e executar a montagem, decidi ir por outro caminho que não cabia muito incluir esse material gravado. Pretendo com essa

gravação editar um vídeo para divulgação do documentário ou mesmo utilizá-lo futuramente no filme.

O vídeo pretende, a partir da minha jornada e história de volta a Montevideú, passar uma sensação do que é retornar a estar em movimento, liberdade, um pouco de nostalgia, sensação de estar sonhando, tristeza pela atual situação mundial, mas principalmente, esperança de que a situação vai melhorar. A montagem utiliza principalmente corte seco, com algumas imagens que representam metaforicamente o que está sendo dito no texto, mas a grande preocupação na escolhas das imagens é ser sensorial.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho de conclusão de curso foi o início da jornada do que será produzir este documentário. Desenvolver esse trabalho é mergulhar no estudo de como se pode fazer um documentário, de pensar em como torná-lo viável e compreender mais a fundo o que significa ser um viajante ou nômade digital, seja neste momento histórico ou não. Pude compreender um pouco melhor como outras pessoas levam suas vidas e viabilizam estar sempre em movimento, ao mesmo tempo que pensava em como poderei contemplar estas histórias diversas, inclusive a minha, em um documentário.

Fazer as pré-entrevistas se mostrou de grande importância para entender o que há em comum entre os entrevistados. Sempre está a tona o desejo de se mover, mesmo que seja em modelos, veículos ou por tempos diferentes. Cada um tem uma concepção distinta de como se denominar ou o que é ser viajante, nômade digital ou outras denominações. Entretanto e como já era de se esperar, há também características peculiares, como por exemplo, o caso da Mary que é casada com alguém que não adota o mesmo estilo de vida e mesmo assim se adaptou muito bem ou a Hanna que mesmo sendo uma mulher viajando sozinha já pegou carona com caminhoneiros e não se sente insegura com isso.

Desenvolver a partir desde a pesquisa teórica e empírica a proposta de direção, roteiro e tratamento, cronograma, formação de equipe, estratégias de produção e o *teaser* foi conceber e materializar o que será o documentário *Em Movimento*.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Linha do tempo**. 2021. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/linha-do-tempo/>. Acesso em: 22 abr. 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Resposta nacional e internacional de enfrentamento ao novo Coronavírus**. Linha do tempo 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/linha-do-tempo/>. Acesso em: 13 abr. 2021.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Anuário estatístico de turismo 2020 - ano base 2019**. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- GO nomad. **Nomad list**. Disponível em: <https://nomadlist.com/>. Acesso em: 2 maio 2021.
- HAMPE, B. **A ideia do documentário**. NUPPAG – Núcleo de pesquisa e produção audiovisual em geografia – IGCE – UNESP/ Rio Claro. Tradução: Roberto Braga. 1997a. Disponível em: <https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-de-santo-amaro/telejornalismo/outro/texto-a-ideia-de-um-documentario/7446797/view>. Acesso em 4 mar. 2021.
- HAMPE, B. **Escrevendo um documentário**. NUPPAG – Núcleo de pesquisa e produção audiovisual em geografia – IGCE – UNESP/ Rio Claro. Tradução: Roberto Braga. 1997b. Disponível em: <https://www.apdmce.com.br/wp-content/uploads/2020/01/Escrevendo-um-documentario.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2021.
- MATTOS, C. A. **Cinema de fato: anotações sobre documentário**. Rio de Janeiro: Editora Jaguaritica, 2016.
- MATOS, P. **Nômadias digitais e a era dos sujeitos móveis: questões de mobilidade, comunicação e trabalho num estilo de vida location independent**. CECSPublicações/eBooks, p. 36-48, 2018.
- NICHOLS, B. **A Introdução ao Documentário**. 6.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2016.
- ONU. **Pandemia transforma 2020 no pior ano para o setor de turismo internacional**. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/12/1736672>. Acesso em: 29 abr. 2021.
- OPAS. Organização Pan-Americana de Saúde. **Histórico da pandemia de Covid-19**. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 21 abr. 2021.
- O QUE é Coworking? Disponível em: <https://coworkingbrasil.org/como-funciona-coworking/>. Acesso em: 25 abr. 2021.

PUCINI, S. J. Introdução ao roteiro de documentário. **Revista Digital de Cinema Documentário**, n. 6, p. 173-190, 2009 Disponível em: [http://www.doc.ubi.pt/06/artigo\\_sergio\\_puccini.pdf](http://www.doc.ubi.pt/06/artigo_sergio_puccini.pdf). Acesso em: 3 mar. 2021.

READ, J. Para onde pode viajar em segurança depois de vacinado contra a COVID-19? **National Geographic**, 2021. Disponível em: <https://www.natgeo.pt/viagem-e-aventuras/2021/03/para-onde-pode-viajar-em-seguranca-depois-de-vacinado-contra-a-covid-19>. Acesso em: 5 maio . 2021.

RIBAS, B. Contribuições para uma definição do conceito de Web Documentário. *In*: MACHADO, E.; PALACIOS, M. **Modelos de Jornalismo Digital**, Salvador: Calandra, 2003. Disponível em: [https://www.facom.ufba.br/jol/pdf/manual/2003\\_ribas\\_webdocumentario.pdf](https://www.facom.ufba.br/jol/pdf/manual/2003_ribas_webdocumentario.pdf). Acesso em: 21 abr. 2021.

RUSCHMANN, D. V. M. Impactos ambientais do turismo ecológico no Brasil. **Revista Turismo em Análise**, v. 4, n. 1, p. 56-68, 1993. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63069/65877>. Acesso em: 13 abr. 2021.

SANAR SAÚDE. **Linha do tempo do coronavírus no Brasil**. 2021. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 22 abr. 2021.

SOUZA, T. S. de. **Nomadismo digital**: representações e práticas do estilo de vida e de trabalho nômade, 2020. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/99549>. Acesso em: 12 abr. 2021.

UNWTO. Solid growth in international arrivals in January-September 2019, though uneven across regions. **World Tourism Barometer**. [s.l.], v. 17, n. 4, 2019. Disponível em: [http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/images/demanda/UNWTO\\_World\\_Turism\\_Barometer\\_2019\\_Edition.pdf](http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/images/demanda/UNWTO_World_Turism_Barometer_2019_Edition.pdf). Acesso em: 28 abr. 2021.

ZANDONADE, V.; FAGUNDES, M. C. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social**. Assis: Texto da Biblioteca Online de Ciências da Comunicação do Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis, 2003.

## FILMOGRAFIA

CLARABOIA. **Flutuar**. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xBo2WoY7628>. Acesso em: 3 maio 2021.

5X chico. Direção: Ana Rieper, Eduardo Nunes, Eduardo Goldenstein, Gustavo Spolidoro, Camilo Cavalcante. Brasil, 2015. Globoplay.

ELENA. Direção: Petra Costa. Brasil, 2012. Netflix.

ESPERO tua (re)volta. Direção: Eliza Capai. Brasil, 2019. Globoplay.

FEMINISM Reboot. Direção Youjin D. Coreia do Sul, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2EMRJzDMXdg>. Acessado em: 10 fevereiro 2021.

MUNDO sem muros e life sessions. **Estradas**. Youtube. Disponível em: <youtube.com/watch?v=KsdMja9Kqqw>. Acesso em: 23 abril 2021.

NOIRBLUE. Direção: Ana Pie. Brasil, 2018.

NOMADLAND. Direção: Chloé Zhao. Estados Unidos, 2020. Cinema.

NOME de batismo. Direção: Tila Chitunda. Brasil, 2017. Disponível em: [https://tamandua.tv.br/filme/?name=nome\\_de\\_batismo\\_alice](https://tamandua.tv.br/filme/?name=nome_de_batismo_alice). Acesso em: 08 setembro 2020.

ONE way ticket. **The Digital Nomad Documentary**. Direção: Youjin, D. (2017). [Documentário online]. Disponível em: <http://digitalnomaddocumentary.com/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

SOLO trip for nosotras. Direção: Angélica Lourença. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=19bqoYrw250>. Acesso em: 10 outubro 2020.